

UNQUIET



BELIZE · PANTANAL · SUÍÇA

CARLOS BURLE

SOU *IN*QUIETO POR NA TURE ZA

4 you 4 experience

No trânsito,
sua responsabilidade
salva vidas.



Sou inquieto.
E pela minha profissão,
eu sempre tentei
encontrar experiências
que encaixassem
em uma lacuna
que tenho aqui comigo
e procuro preencher.
Algo entre o medo,
a adrenalina
e um propósito.
Um dos locais
que me encaixa
nessa inquietude
é Teahupo'o, no Taiti.
Foi o lugar onde
encontrei a peça
que encaixa em meu
âmago. O que sei
é que esse lugar
mexeu comigo.
E procuro sentir
o que sinto ali,
para onde eu vou.
Nunca se sabe
quando vai acontecer
de encontrar
um novo local assim
no mundo.
Alguns lugares mexem
com a gente.
Nos completam
e ao mesmo tempo
impulsionam.

**E para você,
qual é o lugar
que te torna mais
Unquiet?**



**MITSUBISHI
MOTORS**

Drive your Ambition

Conta**Global**

**Compre em dólar e euro
com menos tarifas**
em sites e lojas no exterior

A cada **US\$ 5 mil** gastos você
economiza até R\$ 2 mil em
relação ao cartão de crédito

Simulação com dólar a R\$ 5,50.

Conta Global: spread de 2% e IOF de 1,1%.

Cartão de crédito C6: spread de 4% e IOF
de 6,38%.



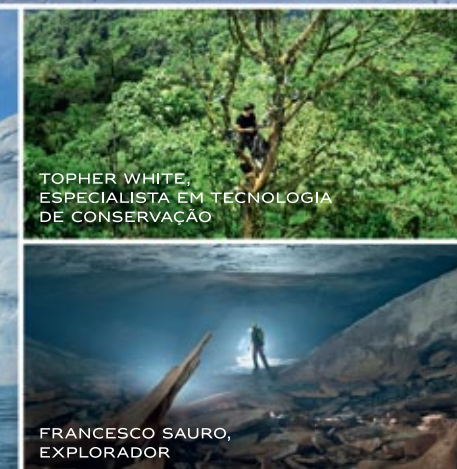
Baixe o app
e abra sua conta



C6BANK
é da sua vida

Sumário

018	360° – Experiências gastronômicas e hospedagens exclusivas pelo mundo
030	Check-in – Objetos do desejo para aventureiros descolados
036	Biblioteca – Conheça os livros de Jon Krakauer, um escritor adrenalina pura
044	Sustentabilidade – A arara-azul encontrou aliados para não desaparecer
046	Brasil – A grande planície inundada: uma viagem pelo Pantanal
058	Cultura – Serra da Capivara: o museu da pré-história brasileira
070	Arte – A arte ao ar livre do Albion Fields, na Inglaterra
080	Esporte – Quatro paraísos do mundo para mergulhar
088	Bem-estar – Uma jornada de autocuidado em Bali
098	Proudly – A semana arco-íris da World Pride de Copenhagen
104	Ensaio – Alexandre Suplicy, o designer que se descobriu fotógrafo
112	Gastronomia – As delícias suíças, para além dos queijos e chocolates
122	Aventura – Mergulhando entre tubarões e esqueletos em Belize
136	Entrevista – Mario Haberfeld, o avistador de onças do Pantanal
144	Crônica – A jornalista Leilane Neubarth reflete sobre o tempo e as viagens
146	Inspiradores – Gertrude Bell, a intrépida “dama do deserto”



O QUE ELES PROCURAM?

Exploradores, aventureiros, cientistas. Homens e mulheres habituados a expandir os horizontes em nome de toda a humanidade. A Rolex estava a seu lado quando atingiram o ponto mais profundo dos oceanos, os cumes mais altos da Terra, as florestas mais longínquas e ambos os polos. Mas agora que sabemos, mais do que nunca, que nosso mundo tem limites, o que será que os faz partir constantemente para a aventura? Não é certamente o reconhecimento, os prêmios ou os recordes passageiros. O que verdadeiramente procuram é conhecer com mais detalhes a complexidade e a fragilidade do nosso planeta, para documentarem as alterações e como podemos, em conjunto, mudá-lo para melhor. Por isso, enquanto precisarem, estaremos a seu lado. Porque hoje, o mais importante não é descobrir novos territórios. É ganhar um novo olhar sobre as maravilhas que nos rodeiam, despertar a capacidade de nos surpreendemos e agir com o objetivo de preservar nosso pequeno ponto azul no universo. **Tudo por um planeta perpétuo.**

#Perpetual



OYSTER PERPETUAL EXPLORER II


ROLEX

“Viajar é trocar a roupa da alma.”

- Mário Quintana

PATROCINADORES



C6BANK



GETTY

UNQUIET

Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL

Patrícia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Fabiano Fernandes e Mirian Pujol

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: Adrian Kojin, Arthur Veríssimo, Daniel Japiassu, Fernando Nienkötter, Flávia Vitorino, Juliana A. Saad, Leilane Neubarth, Luiz Guerrero, Marcello Borges, Walterson Sardenberg Sº e Zeca Camargo

Edição: Ricardo Prado

Fotos: Alexandre Suplicy, André Pessoa, Heitor Pergher, Marina Bandeira Klink e Tuca Reines

Ilustração: Antônio Tavares e Paulo Pasta

Revisão: Goretti Tenorio

CAPA

Simon Dannhauer/Getty Images

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar - Jardim Paulista

São Paulo (SP) - CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

revistaunquiet.com.br

@revistaunquiet

/revistaunquiet

revista unquiet

/revistaunquiet

@revistaunquiet



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial



Parece que foi ontem. Nossa revista nasceu há um ano, num momento de incertezas em relação às viagens, e, desde o primeiro número, colocamos toda a energia na busca de experiências que inspirassem você a viajar sem sair de casa.

Comemoramos neste primeiro aniversário o momento em que novos horizontes são, finalmente, realidade. Tanto que nossos colaboradores estiveram recentemente em diversos destinos. A começar pela natureza e o litoral exuberantes de um paraíso chamado Belize, “La Isla Bonita”, tema de nossa capa.

A Suíça, conhecida pela organização impecável, descortina uma nova cena gastronômica de respeito. A terra de meus pais continua a me surpreender. Com sua beleza e nível superior de qualidade em todos os setores, entrou definitivamente na lista dos amantes da boa mesa.

Ainda no velho mundo, um novíssimo parque de esculturas, assim como a UNQUIET inaugurado em plena pandemia, promete colocar Oxfordshire, e os campos verdes da terra da rainha, no circuito artsy mundial. Como parte do projeto Proudly UNQUIET, lançado neste ano, estivemos em Copenhagen, a capital da cultura escandinava, representante máxima do *lifestyle* de uma das regiões mais *cool* do planeta, para cobrir a aguardada World Pride.

Presença obrigatória em toda edição, o Brasil está muito bem representado com vivências no Pantanal e na serra da Capivara. Ambos são patrimônios da natureza e da cultura e merecem atenção de todos nós, brasileiros.

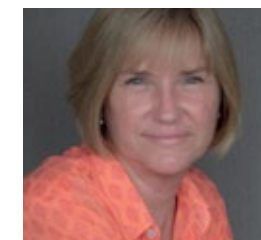
E como temos muito o que celebrar, preparamos uma surpresa para você: um guia desenvolvido por especialistas no assunto traça um roteiro inquieto pelos festivais de música mais incríveis, em um giro por cidades de todos os continentes. Da clássica à eletrônica, do pop/rock ao jazz, nosso UNQUIET Festivals 2022 é um convite a sonhar com novos momentos de união a partir de uma das paixões que mais move o ser humano: a música!

A comunhão a partir da descoberta do novo é a maior fonte de inspiração para novas histórias e novas experiências. Por isso, desejo que esta UNQUIET chegue a você como um incentivo a continuar a sonhar e a celebrar a vida.

Obrigada a todo o time UNQUIET por sonhar todos os dias comigo!

Stay Alive.

Be UNQUIET.



Tuca Reines

CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

c6yellow

A primeira conta do seu filho

**Com o C6 Yellow, seu filho
tem aplicativo próprio e mais:**

Cartão com o nome que ele quiser
e cores com muito estilo.

Transferências via Pix.

Recebimento de mesadas.

E você recebe uma mensagem
a cada compra no cartão.



**Baixe o app
e abra sua conta**



C6BANK
é da sua vida

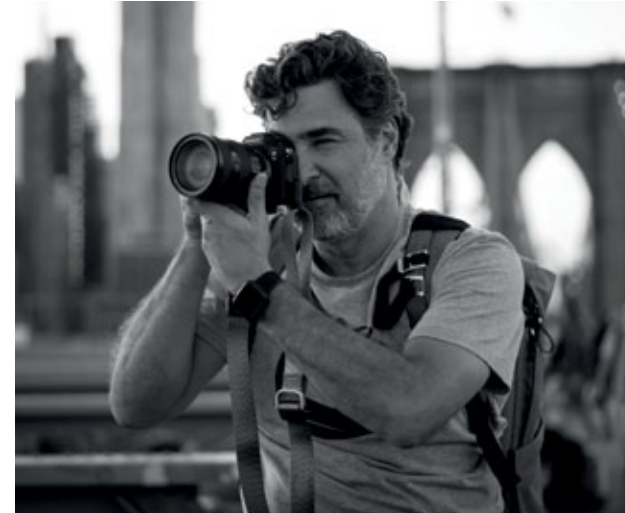
Colaboradores



Imagine mergulhar numa caverna coalhada de esqueletos provenientes dos antigos rituais de sacrifícios humanos dos maias. Pois essa foi apenas uma das atividades que **Adrian Kojin** realizou em Belize, na América Central, nosso destino de capa. As demais foram nadar entre os tubarões e se hospedar nos hotéis do diretor Francis Ford Coppola. Mergulhador respeitado, surfista idem, Adrian é jornalista há mais de três décadas e dirigiu a antiga revista *Fluir*.



Recém-chegada da Islândia, ela ostenta no currículo diversas estadas na Antártida, que renderam um belíssimo livro de fotografias e serviram de inspiração para a publicação infantil *Vamos Dar a Volta ao Mundo?*. Mas não é apenas nas altas latitudes que **Marina Bandeira Klink** costuma exhibir seu talento. Prova disso são as imagens grandiosas, algumas épicas, que ilustram a reportagem sobre o Pantanal e a serra do Amolar nesta edição.



Da Suíça à Índia, de Singapura ao Lesoto, da Namíbia à Finlândia, o paulistano **Alexandre Suplicy** já esteve em todos os quadrantes do globo. Diretor de arte em agências de publicidade no Brasil, em 2011, ao acompanhar a esposa numa temporada profissional à África do Sul, passou a se interessar pela fotografia. Eclético, como mostra na seção Ensaio, Alex retrata com estilo muito próprio da arquitetura à vida selvagem, das paisagens aos tipos humanos.



Zeca Camargo é um dos rostos mais populares da televisão brasileira, desde a época de VJ na antiga MTV até a consagração como apresentador do *Fantástico*, na Rede Globo. Colunista da *Folha de S.Paulo*, autor de livros sobre a arte de viajar, Zeca é também um gourmet fascinado por gastronomia. É sobre esse assunto, as delícias da mesa suíça, que ele escreve aqui, visitando hotéis e restaurantes em Lausanne, Crans-Montana e Zurique, num texto literalmente saboroso.



Arthur Veríssimo é peregrino, repórter, fotógrafo, palestrante e educador. Atual apresentador de um quadro de aventuras que leva seu nome na televisão aberta, sempre se interessou pela fé, pela religiosidade, pela espiritualidade e pelas civilizações antigas. Como se vê, a pessoa certa para escrever sobre a serra da Capivara, no Piauí, de onde nos trouxe histórias saborosas do mais importante centro arqueológico do Brasil.



Libanesa de nascimento que passou a maior parte da vida no Canadá e no Brasil, **Juliana A. Saad** é um dos nomes mais conhecidos e respeitados na área do jornalismo de viagens. Suas idas constantes ao Oriente tornaram-na uma especialista na região. Neste número, Ju conta de sua experiência de bem-estar nos luxuosos templos de *wellness* da rede Como em Ubud, na ilha de Bali, na Indonésia.



Leilane Neubarth formou-se pela UnB em jornalismo, rádio, TV e cinema. Repórter, apresentadora e escritora há mais de 40 anos, já participou de várias coberturas especiais no Brasil e no exterior, entre elas o Rally Paris-Dakar. Atualmente é âncora do *Conexão Globonews* e está com a série “O Tempo Que a Gente Tem” no GNT. Aqui, ela assina a crônica sobre o pacto que fez consigo mesma de fazer viagens de aventura até completar 80 anos.



Natural de Ariranha, no interior paulista, **Paulo Pasta** é um dos nomes consagrados na cena da arte contemporânea brasileira. Formado em artes plásticas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, recebeu diversos prêmios e suas obras integram o acervo do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, da Pinacoteca do Estado e do Museu Nacional de Belas Artes. É assinada por ele a obra que ilustra a crônica de Leilane Neubarth.



FOTOS ISTOCK, CREATIVE COMMONS E DIVULGAÇÃO

O melhor entre Paraty e Cunha

A partir do nível do mar, a subida da serra em meio à Mata Atlântica é perfeita para se aventurar a bordo do seu Mitsubishi e curtir o melhor de duas cidades

Atrás apenas da capital, Rio de Janeiro, Paraty é o segundo polo fluminense mais visitado.

A paisagem litorânea e colonial pontuada por muita história, cultura e boa gastronomia atrai facilmente quem curte uma boa viagem.

Muitos fazem o trajeto até Cunha, pela antiga estrada Paraty-Cunha. É um trajeto com belas paisagens: 46 km entre o litoral fluminense e o interior paulista, com terreno elevado de 200 metros a 1.450 metros de altitude. Acomode-se no amplo espaço interno do seu Mitsubishi e curta a jornada. Confira o melhor da região.

PARATY

Passeios e eventos

Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) – O maior evento de literatura do Brasil acontece anualmente e reúne escritores brasileiros e estrangeiros para encontros com debates e palestras.

Visita aos alambiques – O mais antigo fica na Fazenda Cabral: produz a Cachaça Coqueiro, há cinco gerações administrada pela família Mello. Já o mais artesanal é o Maria Izabel, que produz a cachaça com o menor índice de acidez entre as produzidas na região.

Festival da Cachaça, Cultura e Sabores de Paraty – Todo ano, no último fim de semana de agosto, a Igreja Matriz é cercada por barraquinhas, com degustação de cachaças dos alambiques locais, shows gratuitos e programação musical.

ONDE FICAR NO CENTRO HISTÓRICO

Casa Turquesa Maison D'Hôtes

Intimista, tem apenas nove quartos, com lençóis de 600 fios e *amenities* da Casa Granado. Privilegia a privacidade dos hóspedes com cuidados como o bom espaçamento entre as mesas para o café da manhã, que pode ser servido no quarto.



Vista do porto de Paraty, lavandário em Cunha e centro histórico de Paraty. Aqui, o Pajero Sport

Pousada do Ouro

Divide-se em dois edifícios: o casarão histórico do século 18 e o edifício anexo, Vila do Ouro, em frente ao prédio da recepção. Os 27 quartos e suítes têm estilo colonial. Para relaxar, piscina com terraço, bar e spa revitalizante.

ONDE COMER

Oui Paraty

Despretensioso, serve crepes preparados pelo *chef* francês Patrick Louis. Peça uma *galette* no estilo bretão, à base de trigo sarraceno.

Banana da Terra

Um clássico da cidade, serve pratos com ingredientes da culinária caiçara como o siri catado em duas versões, com farofa e emulsão de pimenta de bico.

Punto Divino

Restaurante e pizzeria aconchegante, divide-se em um salão rústico e um pátio aos fundos, com paredes de pedra. A carta de vinhos sugere rótulos para harmonizar com as pizzas de massa fina, estrelas da casa.

Quintal das Letras

Dentro da Pousada Literária, tem iniciativas sustentáveis como ventilação cruzada e iluminação com aproveitamento de luz natural. Culinária caiçara com ingredientes frescos da Fazenda Bananal.

PASSEIOS EM CUNHA

Lavandário – Tem 40 mil pés de lavanda, com campos floridos o ano todo. Na lojinha, produtos elaborados com óleos essenciais. Conta também com um café. Abre nos fins de semana.

Cervejaria Wolkenburg – Utiliza em sua produção água das nascentes do próprio sítio e ingredientes produzidos na Alemanha, sem conservantes. Abre nos fins de semana e feriados.

Ateliês de cerâmica – Entre os mais conhecidos da cidade, os ateliês Alberto Cidraes e Mieko e Mário são bons para conhecer a técnica do noborigama, pioneira entre os ceramistas locais.

Trilha das cachoeiras – Caminhe por trechos preservados de Mata Atlântica até as cachoeiras.

O roteiro de Cunha a Paraty é uma sugestão do projeto MIT Drivelines, que transforma os veículos 4x4 da Mitsubishi em uma companhia de viagens de primeira classe. É possível descobrir os destinos mais incríveis do Brasil a bordo de um Mitsubishi, sem preocupações com os trâmites – e chateações – de *check-in*, filas, atrasos e aglomerações dos aeroportos. Aproveite os roteiros MIT Drivelines e explore o Brasil da melhor forma. 📍

mitdrivelines.com.br

Quer investir?
Conte com a
assessoria de uma
equipe altamente
qualificada, com
análises de mercado e
ferramentas exclusivas
para encontrar opções
de acordo com os seus
objetivos e pra tudo
que você imaginar

Da esquerda para a direita:
Adilson Lopes Borges
Ana Cristina Polo Totoli
Diogo Cassio Pereira
Fabríola Miranda Kassagui
Especialistas em Investimentos
BB Estilo

360°

*Falcões que pousam
na sua mão, noite preta
no deserto da Namíbia,
hotel-boutique em Marau
e o novo Museu Munch:
destaques do 360°*

POR MARCELLO BORGES



THE DYLAN

Com apenas 40 quartos espalhados por um edifício histórico do século 17 e diante do Keizersgracht, um dos principais canais de Amsterdã, The Dylan é um segredo de polichinelo entre viajantes bem informados. Integrante da prestigiosa Small Luxury Hotels of the World, situa-se perto da área das “Nove Ruas”, renomada por seus monumentos, lojas e restaurantes. No próprio hotel você pode ir à Brasserie Occo e provar o High Wine, harmonização entre quatro vinhos e quatro pratos selecionados pelo *chef* executivo Dennis Kuipers e pela *maître* Natasja Noorlander. Ou ao Vinkeles, restaurante que recebeu uma estrela no *Guia Michelin* e nota 17 em 20 do *Gault & Millau*. Entre as medidas de sustentabilidade, o The Dylan serve em seus restaurantes a Earth Water, cuja renda líquida financia projetos de água pelo mundo. Além disso, como não há modo melhor para conhecer a cidade do que a bicicleta, saiba que aquelas à sua disposição foram fabricadas pela Roetz com material reciclado.

dylanamsterdam.com



FASANO FIFTH AVENUE

Em sua segunda incursão internacional, agora na Quinta Avenida de Nova York, o grupo Fasano apresenta um novo conceito: o Private Members Club Hotel. O projeto de Thierry Despont transformou uma *townhouse* original do século 18, que passou de cinco para 15 andares, ficando a construção a encargo da JHSF. Com 11 unidades (quatro apartamentos duplex e sete Clubhouse Suites), o Fasano Fifth Avenue é um clube privativo, acessível apenas a sócios, oferecendo comodidades como academia, spa, serviço de quarto 24 horas, *concierge*, carta exclusiva de vinhos e outras. “Os membros estão encantados com este novo conceito”, diz Andrea Natal, que por mais de 20 anos cuidou do Copacabana Palace e agora está no comando do Fasano. “Tomamos diversas medidas, como a substituição de garrafas PET por garrafas de vidro, e diversas ações que visam a redução do consumo de eletricidade e desperdício de água”, comenta ainda Andrea sobre a sustentabilidade no Fasano Fifth Avenue e em outros hotéis do grupo.

fasano.com.br/hoteis/fasano-fifth-avenue



VILLA ARUMÃ POUSADA

Chamada de “Caribe da Amazônia”, a região de Alter do Chão, no Pará, tem recebido a atenção de visitantes brasileiros e estrangeiros há vários anos. Pensando em oferecer uma hospedagem confortável e ao mesmo tempo mesclada com a natureza das praias do Tapajós, os proprietários paulistanos – que já frequentavam a região desde o ano 2000 – inauguraram a Villa Arumã, com cinco chalés, um apartamento e uma casa “pé na areia”, esta para até seis pessoas. O que não falta são passeios pelos atrativos da região, como a Floresta Nacional do Tapajós com mergulhos em igarapés; o rio Arapiuns e a criação de tartarugas da Amazônia, além do artesanato local; o canal do Jari com suas vitórias-régias, jacarés e botos; e, claro, as diversas praias de areia branca das proximidades. O café da manhã inclui pratos caseiros, típicos da região. Chegar lá é fácil: a pousada fica a 35 minutos do aeroporto de Santarém.

villaaruma.com.br





MUNCH MUSEUM

O Grito, de 1893, é uma das obras de arte mais conhecidas de todos os tempos. Tem diversas versões, e uma delas trocou de mãos em 2012 por quase 120 milhões de dólares, tornando-se o quadro mais caro já vendido em leilão. Isso dá uma noção do relevo alcançado pela obra do norueguês Edvard Munch (1863–1944), expressionista inspirado por franceses como Manet e Courbet. Refletindo essa importância, foi inaugurado em Oslo o novo MUNCH. Com mais de 26 mil metros quadrados, é um dos maiores museus dedicados a um artista e reúne mais de 200 obras do pintor – inclusive trabalhos de porte monumental como *The Sun*, com 4,5 x 8 metros – além de 11 galerias e 13 andares destinados a experiências artísticas e culturais para crianças e adultos. Restaurante, bar, cinema e salas de concerto completam o museu, tornando-o um destino imperdível para visitantes da capital norueguesa.

munchmuseet.no



ASHFORD CASTLE

Construído no século 13, Ashford é o mais antigo hotel-castelo da Irlanda. A propriedade de 140 hectares pertenceu à família Guinness, a da cerveja, entre 1852 e 1939, quando foi convertida em hotel. São 82 quartos (dentre os quais cinco suítes) e uma cabana ao lado do lago. Ashford tem cinema com 32 poltronas, spa, campo de golfe de nove buracos e terraço para charutos. As refeições podem ser feitas no formal George V (homenagem ao rei, que visitou o castelo em 1905), no informal Cullen's, no Connaught Room, com seus chás, ou no Dungeon, que oferece a culinária irlandesa com toque de bistrô. Mas sua maior atração é a Ireland's School of Falconry, a mais antiga escola de falcoaria da Irlanda, ali instalada. Na principal experiência, a Hawk Walk, você interage por uma hora com as águias-de-Harris. Elas decolam da luva especial na sua mão e pousam de volta no mesmo lugar.

ashfordcastle.com





CASA DOS ARANDIS

No litoral sul da Bahia, a península de Maraú estende-se por mais de 40 quilômetros de praias semidesertas de areia branca. Com piscinas naturais e coqueirais, a região abriga uma biodiversidade exuberante, florestas tropicais e um grande manguezal. É nela que se encontra a Casa dos Arandis, pequeno hotel-boutique com duas casas (Jardim e Bromélias) e quatro bangalôs. Ali a palavra de ordem é tranquilidade: na praia, espreguiçadeiras com rádio permitem fazer o pedido de drinks e petiscos diretamente ao bar. Spa, ioga, massagens e piscina complementam as opções de relaxamento. Aos domingos, o hóspede comanda o forno a lenha do restaurante e cria suas pizzas. Barcos levam às atrações da península, como a ilha da Pedra Furada, e à observação de baleias jubarte (entre julho e outubro). Associado da Rede de Agroecologia Povos da Mata, o hotel pratica a sustentabilidade com o uso de produtos orgânicos, na preservação da flora e da fauna e na realização de projetos socioeducativos e ambientais com os moradores do lugar.

circuitoelegante.com.br



HOTEL B

O arquiteto francês Claude Sahut radicou-se no Peru ainda jovem e projetou diversas avenidas e residências. Uma delas, na década de 1920, foi a casa de praia da família García Bedoya em Barranco, bairro de Lima que era o balneário da moda e que hoje é a *rive gauche* da capital. Com interior repleto de mármore italiano e madeiras exóticas, o imóvel abriga agora o Hotel B e sua coleção de mais de 300 obras de arte. Seus 20 quartos estão distribuídos entre a casa histórica e a ala contemporânea, projetada sem alterar o espírito original. Nos diversos espaços gastronômicos do B, o chef Franco Hurtado oferece pratos da consagrada culinária peruana com seu toque pessoal. Os aficionados da coquetelaria podem ter uma aula divertida e saborosa no B Bar. E nas imediações, o hóspede encontra o Museo de Arte Contemporáneo, bares e clubes, no que Lima tem de melhor.

hotelb.pe



KWESSI DUNES

Numa área exclusiva de 15 mil hectares dentro da NamibRand Nature Reserve, o Kwessi Dunes reúne 12 chalés com vista para as montanhas e para as célebres dunas vermelhas da Namíbia. Cada um tem sua própria sala de observação das estrelas, completamente aberta para o espetacular céu noturno da região, por um motivo especial: o NamibRand foi nomeado como primeira Reserva Internacional de Céu Escuro da África, o que significa que é uma das áreas menos poluídas do mundo. Embora os atrativos incluam os tradicionais tours de 4x4 para apreciar a fauna, o Kwessi Dunes propõe passeios a cavalo ou de quadriciclo, caminhadas, passeios nas dunas de Sossusvlei e voos de balão ou helicóptero. A eletricidade é provida por energia solar. Sua experiência vai variar conforme a época da estada: o inverno é seco e com manhãs e noites mais frias; no verão, o calor convida a observar as aves migratórias que chegam no deserto.

naturalselection.travel/camps/kwessi-dunes



2009
2010
2011
2012
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021

Itaú.
O melhor
Private Bank,
ano após ano.
Porque trabalha
para ser o melhor
Private Bank
para você,
dia após dia.



Itaú Private Bank



PWM | The Banker – Best Private Bank in Latin America 2021
2021 • 2020 • 2019 • 2018 • 2017 • 2016 • 2015 • 2014 • 2012 • 2011

Private Banker International – Outstanding Global Private Bank Latin America 2021
2021 • 2020 • 2019 • 2018 • 2017 • 2016 • 2015 • 2014 • 2012 • 2011 • 2010 • 2009

JHSF
apresenta



VILLAGE

GOLF • SURF • TÊNIS • EQUESTRE • TOWN CENTER

Um Village com cultura, liberdade, diversão e senso de comunidade.

O Boa Vista Village traz uma completa estrutura de serviços e amenities inéditas: campo de golfe, clube de surf, centro de tênis, centro equestre, fazendinha, Kids Center, spa internacional, academia, clube esportivo, centro orgânico e Town Center. Num projeto arquitetônico exclusivo assinado por Sig Bergamin, Murilo Lomas e Pablo Slemenson, com paisagismo de Maria João d'Orey, reunindo lotes residenciais em dois exclusivos condomínios, o Village Gardens e o Village Parks, além de Surf Lodge Residences, Golf Residences, Grand Lodge Residences e Family Offices.

Village Gardens & Village Parks

Dois exclusivos condomínios com clubes reservados e lotes residenciais a partir de 2.500 m².



Surf Lodge Residences

De 220 a 500 m², de 2 a 4 suítes, com 98,5% das unidades vendidas e de frente para a piscina para prática de surf American Wave Machines, com tecnologia PerfectSwell®.



Golf Residences

De 270 a 500 m², e 2 ou 3 suítes com vista para o Campo de Golfe de 18 buracos por Rees Jones.



Grand Lodge Residences

De 135 a 486 m² e 2 a 4 suítes, com 5 quadras de tênis cobertas, 4 descobertas, e quadras de beach tennis de uso exclusivo dos moradores e serviço de quadra privativo.



Family Offices

Com áreas de escritórios privativos de 89 a 111 m², com salas de reunião e concierge, localizados junto ao Town Center.



CONHEÇA OS DETALHES DO BOA VISTA VILLAGE E TODAS
AS OPÇÕES DE PLANTAS, BAIXE O APP: JHSF REAL ESTATE.

VISITE O SHOWROOM • Vendas: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

JHSF

O presente se refere às incorporações da Boa Vista Surf Lodge e Boa Vista Golf Residences, registradas na RGI de Porto Feliz/SP, e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As Amenities referentes à piscina de Surf, ao Spa, ao Equestre e aos Clubes de Tênis, Esportivo e de Golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais Amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária e no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village (em constituição). A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.

CHECK-IN

Vamos fugir...

O canivete mais completo do mundo, a melhor câmera profissional para fotógrafos amadores e fones de ouvido para trekking

POR DANIEL JAPIASSU



DA SUÍÇA, COM CARINHO E AÇO INOX

Palito, caneta esferográfica, altímetro, barômetro, termômetro, alarme, relógio e bússola – fora todos os itens que fazem parte de qualquer canivete que se dê ao respeito. Pois este é o Victorinox XAVT, o mais completo da marca suíça famosa pelos tudo-em-um que fabrica há quase 140 anos, quando Carl Elsener fundou sua cutelaria ao pé dos Alpes e se tornou fornecedor oficial de canivetes do exército. Ele ficaria orgulhoso de ver seu legado e descobrir quantas funções é possível colocar na palma da mão.

victorinoxstore.com.br

ESTA É
IBIZA.



UNQUIET



ESTA É A IBIZA DOS
VIAJANTES UNQUIET.

STAY ALIVE, BE UNQUIET.

REVISTAUNQUIET.COM.BR



TECNOLOGIA AO PÉ DO OUVIDO

Além de contar com o sistema antirruído ENC (Environmental Noise Cancellation), que realmente funciona e é raro em fones de ouvido tão pequenos, o principal diferencial do ComfoBuds 2, da 1More, é a rapidez com a qual ele faz o pareamento via *bluetooth* – seja para ouvir músicas ou conversar pelo *smartphone*. Além disso, o bichinho vem com uma tecnologia de infravermelho embutido que “percebe” que você o retirou da orelha, pausando a reprodução do som.

usa.1more.com

SOM LIMPO ATÉ DEBAIXO D’ÁGUA

Ele pode ser pequeno, mas cumpre o que promete na descrição – e com louvor. O SoundLink Color Bluetooth Speaker, produzido pela Bose (uma das marcas de áudio mais importantes do mundo), foi projetado para aguentar não apenas respingos, mas até acidentes em piscinas. É só tirar da água, chacoalhar e... som na caixa, DJ. O aparelho é emborrachado, tem cores vibrantes e alcance de até 10 metros. Além disso, pode ser controlado por um app, diretamente do *smartphone* do(a) dono(a).

bose.com



PROFISSIONAL PARA AMADORES

Ela é considerada uma das melhores câmeras profissionais para amadores do mundo. E faz sentido, pois a X-T4, da Fuji, é totalmente automatizada e tudo o que o aspirante a fotógrafo deve fazer está escrito no monitor destacável. O modelo tem resolução de 26,1MP, tela *touchscreen*, foco automático, é capaz de bater até 30 fotos por segundo e faz vídeos em 4K. A bateria garante 600 cliques ininterruptos. Esta da foto vem com lente XF, de 80 mm (vendida separadamente), a mais prática para viajar.

loja.fujifilm.com.br



ENERGIA RENOVADA... SEMPRE!

A Satechi, empresa de San Diego, é uma das mais premiadas do setor de acessórios para computação. E uma de suas estrelas é a Quatro, bateria *wireless* capaz de recarregar até... quatro aparelhos ao mesmo tempo. Além de saída para conexão de *notebooks* e câmeras, o equipamento tem tecnologia *touch*, que recarrega *smartwatches* e *smartphones* apenas pelo contato – incluindo os da Apple. A Quatro tem bateria de lítio, que pode ser recarregada na saída USB de qualquer carro. Para você não perder nada do que acontece no mundo virtual.

satechi.net

ESTA É NOVA YORK.



UNQUIET



ESTA É A NOVA YORK DOS VIAJANTES UNQUIET.

STAY ALIVE, BE UNQUIET.

REVISTAUNQUIET.COM.BR



Espanha, ótima para esqui

Estações como Sierra Nevada, Baqueira-Beret e Formigal têm muita neve, pistas para praticantes de todos os níveis e ótima estrutura hoteleira

A Espanha tem a justa fama de ser um lugar *caliente*, não só no temperamento caloroso de seus moradores, mas também pela temperatura propriamente dita. Que o diga quem costuma frequentar os verões na Andaluzia e nas deliciosas praias espanholas do Mediterrâneo. Mas, embora poucos saibam, a Espanha também tem – em contrapartida a tanto calor – estações de esqui de primeira, com muita neve, pistas para praticantes de todos os níveis e sólida estrutura hoteleira.

Quer se surpreender ainda mais? Pois saiba que, embora essas estações estejam fincadas, sobretudo, no norte do país, em virtude das latitudes mais altas, há uma delas instalada no sul. Sim, chama-se Sierra Nevada. Está a apenas 40 minutos de carro da histórica Granada, na Andaluzia. São só 27 quilômetros. Quer dizer, um dia ou outro em Sierra Nevada, você pode aproveitar para dar uma esticadinha e admi-

rar, por exemplo, a arquitetura e a arte islâmica do monumental palácio Alhambra, em Granada.

Mas por que, afinal, neva tão forte nessa região de verões tão quentes? Acontece que a Sierra Nevada é a mais alta estação da Espanha. Seu topo está acima dos 3.300 metros de altitude, na Serra Bética. Por isso mesmo, foi escolhida como palco do Campeonato Mundial de Esqui Alpino, em 1996. A referência aumentou ainda mais a quantidade de pistas esquiáveis. Hoje são 133, com um total de 110 quilômetros.

A maior parte das estações de esqui espanholas, seja como for, está bem mais ao norte, acomodada nos Pirineus, a cadeia de montanhas que se estende até a fronteira com a França. Assim ocorre com a maior e a mais procurada delas. Baqueira-Beret está incrustada na Catalunha. Não fica exatamente perto de Barcelona, a maior e mais badalada cidade da região, mas também não é longe. São pouco mais de

Em sentido horário a partir do alto, o palácio de la Alhambra, em Granada, e as estações de Baqueira-Beret e Sierra Nevada com crianças. Na página ao lado, as pistas vermelhas (para esquiadores intermediários e avançados) de Sierra Nevada

3h30 de carro. Uma viagem muito agradável.

Baqueira-Beret tem 112 pistas de esqui, totalizando nada menos que 167 quilômetros. Por se tratar de um amplo complexo turístico, sua frequência não se limita a esquiadores. Nada disso. Há muito o que fazer por lá além de deslizar na neve. Por exemplo: aproveitar uma gastronomia formidável. Pode ser no restaurante Cinco Jotas Grill. É famoso pelo presunto ibérico, com a preciosa carne do porco preto. Chega diretamente de Jabugo. Outra casa recomendável é a Moët Winter Lounge. A vista espetacular contribui para a experiência. De quebra, tem uma área para se dançar ao som dos melhores DJs da Europa e o champanhe da célebre casa francesa.

No ano passado, Baqueira-Beret celebrou 50 anos de vida. É a mesma idade de Formigal, na região administrativa de Aragão. Cidades turísticas próximas? Bem, Madri está a pouco mais de quatro horas

em estradas ótimas. No meio do caminho, a apenas 161 quilômetros, reina Zaragoza, com seu maravilhoso Casco Viejo – o centro histórico preservado em minúcias. Além de ótima estrutura hoteleira para adeptos do esqui ou do snowboard, Formigal dispõe de 176 quilômetros esquiáveis, distribuídos em 147 pistas. Vale ressaltar que não se trata da única estação de esqui de Aragão. Há outras, também de ótimo nível. Entre elas, Candanchú e Astún.

Por fim, resta lembrar que, embora sejam brindadas com neve em grande quantidade, as estações de esqui da Espanha têm temperaturas mais amenas que as dos demais países europeus. Quando vir até elas? Bem, a temporada deve começar exatamente agora, em dezembro. Venha. 📍

spain.info
atudem.es

JOHN AUER

BIBLIOTECA

O escritor de Na Natureza Selvagem e No Ar Rarefeito descobriu seu talento outdoor ao se apaixonar, e quase morrer, praticando montanhismo

POR FERNANDO PAIVA



FOTOARENA/ALAMY

D

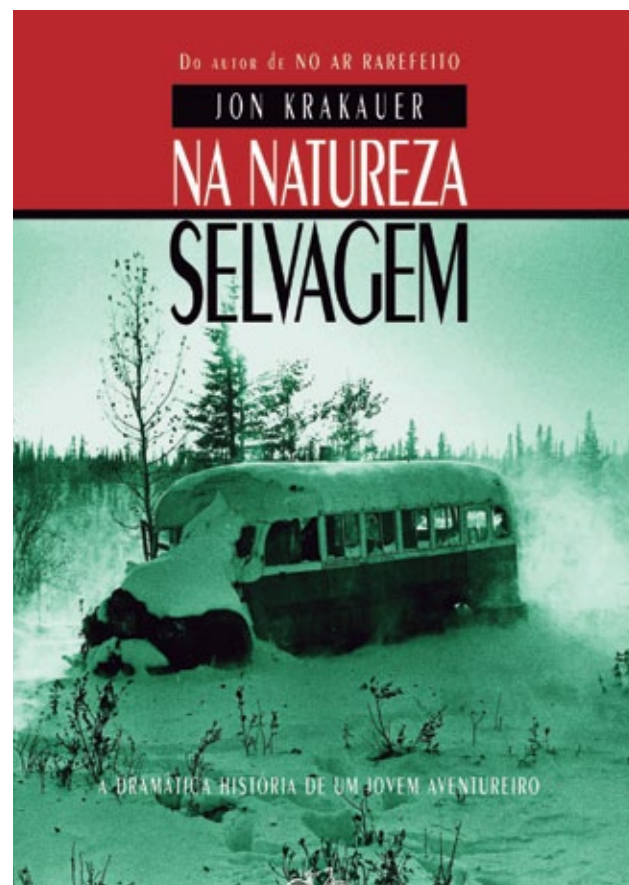
o primeiro vulcão a gente não se esquece. Que o diga o escritor americano Jon Krakauer. Conhecido no mundo inteiro, ele é o autor de *Na Natureza Selvagem* (*Into the Wild*, 1996) e *No Ar Rarefeito* (*Into Thin Air*, 1997). Dois *best-sellers* que viraram filme e falam de viagens, da vida ao ar livre e da ascensão de montanhas. Falam também – e principalmente – da morte e da queda. Além de tudo, sua prosa jornalística busca sempre a verdade. Mas, como diria o alpinista metódico, vamos por partes.

O primeiro vulcão se chama South Sister. Fica no Oregon, costa oeste dos Estados Unidos, e é o mais alto (3.195 metros) da cadeia montanhosa Três Irmãs. Os cumes do trio ultrapassam os três quilômetros acima do nível do mar. Extintos, obviamente, não são considerados difíceis de escalar. Foi de lá, no entanto, que Lewis Joseph Krakauer e seu filho Jon quase despencaram numa excursão. Quase morreram. Ao que tudo indica, a metáfora do tombo marcaria em definitivo toda a produção literária do filho.

Se dependesse do dr. Krakauer, Jon seguiria seus próprios passos. Os do pai, formado pela respeitada Harvard Medical School. Foi ele quem apresentou ao filho, aos 8 anos, o montanhismo. “Incansavelmente competitivo e ambicioso ao máximo” na definição do filho, o médico almejava para o rebento a mesma carreira. “A medicina era para ele o caminho garantido para o sucesso e a felicidade.” Quando Jon terminou o ensino médio, em 1972, a família vivia na cidadezinha de Corvallis, no Oregon. E o dr. Krakauer foi logo agendando uma série de entrevistas nas melhores faculdades de medicina da Nova Inglaterra, no outro lado do país. Mal podia imaginar...

...que em vez de Harvard ou Yale, o herdeiro escolheria a alternativa e radical faculdade Hampshire College, em Amherst, Massachusetts – mesmo estado em que veio ao mundo, na pequena Brookline, em 12 de abril de 1954. A escola era feminista antes de o termo ter sido inventado. O currículo era móvel. Claro que não tinha grades. Reza a crônica, todavia, que incentivava as atividades esportivas a céu aberto e que se podia nadar nu. Jon se graduou em ciências ambientais quatro anos depois, para desespero do pai – que, reza também a crônica, ficou sem falar um bom tempo com ele. Conheceu a ex-montanhista Linda Mariam Moore em 1977 e se casaram em 1980. Foram morar em Seattle, no estado de Washington. Depois do sucesso de *No Ar Rarefeito*, mudaram-se para Boulder, no Colorado, onde vivem.

Recém-formado, ele passou mais de um mês sozinho no glaciar Stikine, no Alasca – onde escalou por uma rota inédita os 2.767 metros do Devils Thumb (“polegar do diabo”), na fronteira com o Canadá, experiência descrita no livro de ensaios, reportagens e perfis *De Homens e Montanhas* (*Eiger Dreams: Ventures Among Men and Mountains*), sua obra de estreia, de 1992. Aprimorou a técnica da escalada dois anos depois, chegando ao alto do Cerro Torre, bloco de granito puro tido como um dos maiores desafios



South Sister, no Oregon: a escalada do vulcão extinto com o pai seria o batismo de fogo do repórter de aventuras

do montanhismo, no sul da Patagônia, fronteira do Chile com a Argentina. Boa parte de seus textos ganhou notoriedade graças às páginas da revista americana *Outside*. E foi a pedido da publicação que ele sairia atrás da história de Christopher McCandless.

História no mínimo curiosa. Em 1992, caçadores acharam o corpo em decomposição de McCandless dentro de um ônibus abandonado havia anos em Healy, no meio da floresta, uma das áreas mais desertas do Alasca. O rapaz havia chegado de carona ali perto, mas estava tão visivelmente despreparado para enfrentar a natureza selvagem que o motorista lhe dera de presente suas botas de borracha. McCandless pega uma trilha, encontra o ônibus e monta nele seu acampamento. No começo, tudo vai bem: ele usa seu rifle 22 para caçar, lê livros e começa a escrever um diário. Krakauer levou dois anos de pesquisa para contar detalhadamente a saga de alguém disposto a se desconectar do mundo.

Foi assim. Depois de se graduar com distinção na Emory University em Atlanta, na Geórgia, McCandless resolve literalmente sumir. Destroi todos os seus documentos e cartões de crédito. Doa suas economias, cerca de 20 mil dólares, para a ONG Oxfam. Entra em seu velho carro e cai na estrada. Para com-

plicar, não conta aos pais seus planos e vai rareando o contato com eles, até o silêncio total. Perde o carro numa enchente, queima o que sobrou de dinheiro, começa a viajar de carona e a viver de bicos – além de adotar o nome de “Alexander Supertramp”.

O que se segue é uma lista de aventuras/desventuras que só o trabalho meticuloso de Krakauer foi capaz de listar. McCandless cruza o norte da Califórnia, entra pela Dakota do Sul e chega ao rio Colorado. Mesmo advertido pelos guarda-parques de que é necessária uma licença especial, entra num caiaque e rema rio abaixo até chegar ao México. O barco some numa tempestade de areia e ele resolve voltar a pé aos Estados Unidos. Sem conseguir pegar carona, viaja como clandestino nos trens de carga até Los Angeles. Espancado pela polícia ferroviária, torna a pedir carona nas rodovias. Encontra um veterano do exército com quem passa um tempo. E diz que pretende ir para o Alasca. Preocupado com o novo e sonhador amigo, o ex-militar lhe dá sua antiga tralha de acampamento. Corta de volta para o interior do ônibus.

Passado algum tempo, nosso anti-herói percebe que viver no mato, sozinho e sem experiência, não é fácil. Ele comete alguns erros básicos, como matar

um alce enorme, para logo perceber que a carne irá se estragar rapidamente. Se ao menos conhecesse, como os velhos pioneiros, a milenar arte da defumação... Enquanto seus suprimentos diminuem, ele descobre que a natureza é impiedosa e dura.

McCandless percebe afinal que a verdadeira felicidade, se é que ela existe, só pode ser encontrada quando dividida com o próximo. E toma a decisão de voltar aos amigos e à família. Mas é tarde demais. O riacho que ele havia cruzado na ida engrossou com o degelo da primavera. Tornou-se agora um rio violento, largo e profundo. Impossível atravessá-lo. Só resta retornar ao ônibus. Calcula-se que ele tenha vivido cerca de 100 dias desde sua chegada, tempo em que consumiu os 10 quilos de arroz que levava.

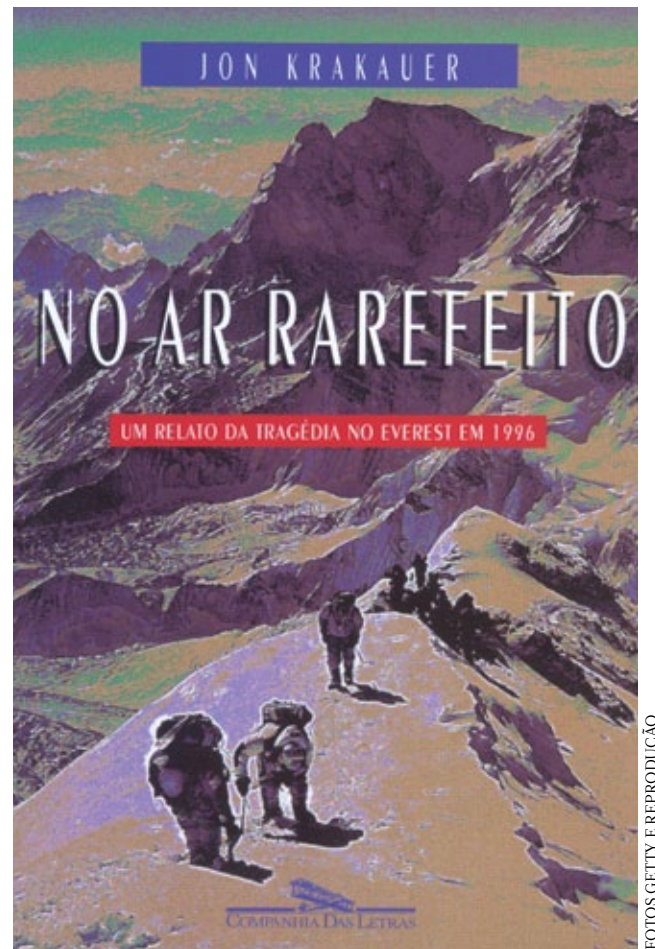
Em 2007 o livro virou um filme de sucesso. Dirigido pelo talento e pela sensibilidade de Sean Penn, com Emile Hirsch como protagonista, fez sua estreia no Film Fest de Roma. Indicado para o Globo de Ouro em duas categorias, ganhou o de melhor canção original, “Guaranteed”, de Eddie Vedder, vocalista do Pearl Jam. Teve ainda duas indicações ao Oscar, custou 20 milhões de dólares e arrecadou mais de 60 milhões de bilheteria.

Krakauer já havia dado um tempo em escaladas quando resolveu participar, como repórter da *Outside*, em maio de 1996, da expedição ao monte Everest – o mais alto do planeta, com 8.848 metros. Ela renderia seu livro mais conhecido, *No Ar Rarefeito*, publicado no ano seguinte.

À época o mundo todo, principalmente o mundo de quem se dispunha a gastar no mínimo 70 mil dólares por pessoa para arriscar o próprio pescoço, vivia uma verdadeira “febre da montanha”. Melhor dizendo, uma febre de “alta montanha”. Bastava pagar que as agências de montanhismo prometiam colocar qualquer um no topo. Essa é a grande crítica e o fio condutor do livro.

Nas últimas duas décadas, a média de acidentes fatais no Everest tem sido de seis por ano. Em 2015, um terremoto no Nepal causou um deslizamento de neve no monte que matou 24 pessoas – o recorde até o momento. A reportagem que virou livro conta a tragédia de oito mortos, entre eles dois experientes alpinistas e grandes rivais: o neozelandês Rob Hall, da Adventure Consultants, e o americano Scott Fischer, da Mountain Madness. O jornalista estava com a equipe de Hall. Havia acabado de descer do cume quando uma avalanche varreu tudo a poucas dezenas de metros de sua barraca no acampamento-base.

O livro fez e recebeu tantas críticas que Krakauer teve de adicionar um longo posfácio à segunda edição, entre elas o seu desconhecimento de que a meteorologia avisara todos os operadores que o tempo iria piorar – o que só corrobora a tese de que, para



FOTOS GETTY E REPRODUÇÃO

os donos das agências, o importante era pôr o cliente no topo a qualquer preço. O russo Anatoli Boukreev, guia da Adventure Consultants, fez a subida sem oxigênio suplementar, uma temeridade segundo o escritor. Pior: deixou o cume algumas horas antes dos clientes. Em compensação, teve um comportamento heroico nas diversas vezes em que saiu atrás dos que faltavam depois do acidente. Há duas versões cinematográficas da obra: *Morte no Everest* (1997) e *Everest* (2015). O primeiro vale a pena ver. O segundo é tido pelo jornalista como “um lixo completo”, no que ele está absolutamente correto.

Krakauer produziu cinco livros depois de experimentar o ar rarefeito. Todos polêmicos como *Three Cups of Deceit* (“Três Xícaras de Engano”, 2011), sem tradução em português e disponível apenas no formato e-book. Fala dos passos em falso do filantropo Greg Mortenson, autor de *Three Cups of Tea* e supostamente um cidadão acima de qualquer suspeita, indicado até ao Nobel da Paz, e um incansável batalhador pela causa infantil, construtor de escolas no Afeganistão e no Paquistão. Será? Krakauer afirma que Mortenson não apenas inventou parte considerável das histórias a seu respeito como desviou



No Cerro Torre, na Patagônia, Krakauer teve seu campo de provas como alpinista

1 milhão de dólares recebidos de doadores mundo afora – entre eles o próprio escritor.

Under the Banner of Heaven (*Pela Bandeira do Paraíso*) saiu em 2003 e investiga os motivos que levaram o mórmon americano Don Laferty a matar sobrinha e cunhada num ritual satânico. Mais polêmica e mais prêmios. *Onde os Homens Encontram a Glória* descreve a triste mutação do jogador de futebol americano Pat Tillman num *ranger* (membro de uma tropa de elite) do exército que morre no Afeganistão. Tudo muito trágico, no melhor estilo patrioteiro. O que o exército não disse foi que o atleta morreria sob fogo amigo. Krakauer conta em detalhes toda a operação para varrer para baixo do tapete esse pequeno detalhe. Atualíssima embora lançada em 2009, a obra explica ainda as origens das constantes guerras civis no Afeganistão.

Missoula é uma cidade universitária no estado de Montana. E também o título da criação mais recente de Krakauer, publicada em 2015. O

tema não é novo, mas a abordagem é típica do autor. A partir de um estupro na universidade local, ele levanta uma série de casos idênticos. Mostra como a Justiça falha ao dar sempre o benefício da dúvida aos acusados e as causas que levam muitas mulheres a não denunciar o caso à polícia, mantendo dessa maneira um círculo vicioso.

O escritor cita diversos casos de como o estupro leva à síndrome do estresse pós-traumático, doença que ele próprio vivenciou depois da tragédia no Everest e foi tema recorrente durante as entrevistas com soldados no Afeganistão. Ao investigar em profundidade o assunto, descobre que esse tipo de abuso é regra, e não exceção, no sistema educacional americano. Uma conclusão triste? Certamente. Mas possível apenas quando se tem, fazendo as perguntas, alguém detalhista e obcecado pela verdade como Jon Krakauer. 📍





Vida de aventura

Em viagem pelo litoral de Santa Catarina ao Rio Grande do Sul, a nova Yamaha Tracer 900 GT revelou-se a companheira ideal

POR FERNANDO NIENKÖTTER

FOTOS HEITOR PERGHER

Sou aventureiro e apaixonado pelo mundo em duas rodas. Sou Fernando Nienkötter, tenho 46 anos e nasci e cresci em Florianópolis (SC). Minha paixão me levou a lugares incríveis, e resolvi compartilhar com o público pelo programa *Estradas do Mundo*, que é veiculado no Travel Box Brazil, um canal de TV voltado ao turismo, presente nas principais operadoras do país.

O motociclismo entrou em minha vida muito cedo, ainda na adolescência. Quando embarquei na minha primeira motocicleta, o senso de liberdade, o vento no rosto e a amizade que formamos em todos os lugares fizeram com que entendesse que esta era uma grande paixão – e me viciasse nela. O mundo das motocicletas é o meu mundo, aquele onde ganho novos amigos a cada nova viagem. De lá para cá, já experimentei todos os tipos

de motocicletas, das esportivas às *big trails*.

Minhas primeiras viagens ocorreram no início dos anos 1990, com passeios bate e volta. Ou seja, escapadas curtas, de um dia. Só 12 anos depois entrei de cabeça nas viagens longas, ainda com motos *custom*. Fui conhecer o Uruguai e a Argentina, fiz diversos trajetos inesquecíveis pelos Estados Unidos, incluindo a Rota 66, Rota do Blues e Florida Key's, entre outras. Naquelas viagens percebi que as distâncias estavam ficando pequenas e assim, em 2015, resolvi me aventurar com uma *big trail* até o Ushuaia, no extremo sul da Argentina.

Após um ano e meio de planejamento, estudo de rotas, preparação física, estudando todas as possibilidades de trajeto, aproveitando toda a literatura disponível, embarquei em minha Preciosa – sim, todas as minhas motocicletas têm nomes. Foram 73



O piloto Fernando Nienkötter colocou à prova sua Yamaha Tracer 900 GT ao longo do litoral catarinense e da serra gaúcha, e aprovou

longos dias de viagens, todos documentados e exibidos na primeira temporada do programa *Estradas do Mundo*. Uma jornada que me transformou como ser humano. Aprendi a superar limites e descobri uma capacidade de arrumar forças para vencer as dificuldades.

Com o sucesso da primeira temporada, embarquei para gravar a segunda na Carretera Austral, considerada a estrada mais cênica do mundo e uma das mais desafiadoras. Ali, no extremo sul do Chile, eu e minha Tenebrosa – uma linda Yamaha Super Ténéré 1200! – descobrimos histórias incríveis e conhecemos pessoas abençoadas. Elas enriqueceram ainda mais nossos episódios, que também foram sucesso na TV.

Com a chegada da pandemia, as gravações da terceira temporada tiveram de ser suspensas momentaneamente. Mas bastaram as atividades voltarem que decidi: retornaria às origens e desbravaria o turismo nacional. Por estar “parado” por conta da pandemia, mantive a preparação física em dia, aguardando o momento de voltar para as estradas. Esse intervalo foi bom também para que eu pudesse analisar qual seria a próxima companheira de viagem. Depois de algumas análises, percebi que a Yamaha Tracer 900 GT seria a parceira ideal para o próximo desafio. Versátil, confortável e com a recorrente qualidade dos produtos Yamaha, se mostrava perfeita para enfrentar as estradas do Brasil. Foi assim que surgiu a Catarina, minha Tracer 900 GT azul. Com a minha companheira escolhida, só faltava definir o destino e a aventura. E despontou a ideia: por que não a serra e o mar?

Convidei alguns amigos e embarquei na Catarina para percorrer as serras e o litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A escolha não poderia ter sido melhor. Além de conhecer mais a fundo locais lindos como Urubici, coloquei à prova a Tracer 900 GT em diversos terrenos. Juntos, desbravamos lugares incríveis, com paisagens deslumbrantes, sempre acompanhados de grandes amigos. Passei por terrenos firmes, outros nem tanto. Por estradas ótimas, recém-pavimentadas, e também por vias rurais, de piso muito irregular. Levei a Tracer 900 GT a trechos casca grossa – e ela resistiu bravamente.

Convido você a conhecer comigo e com a Catarina as belezas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na terceira temporada do programa *Estradas do Mundo*. Estreia em breve no Travel Box Brazil. Te vejo por lá! 📍



FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO

NÃO À EXTINÇÃO

Em Campo Grande, o Instituto Arara Azul luta pela sobrevivência dessas aves tão belas – e ameaçadas

POR MARCELLO BORGES

Com cerca de 1 metro da ponta do bico à ponta da cauda, e pesando até 1,3 kg, a arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) é uma das mais belas aves do país e também o maior dos psitacídeos, família que reúne pássaros com cérebro bem desenvolvido, como maritacas, papagaios e araras. O Brasil, aliás, é o país mais rico do mundo nessa família, sendo chamado de “Terra dos papagaios” desde a época do descobrimento.

As araras-azuis – com sua belíssima e inconfundível plumagem de cor azul-cobalto intensa – formam casais inseparáveis e vivem em bandos em algumas regiões do Brasil (Pantanal, Centro e Norte). Fazem ninhos escavando o tronco de árvores com cerne macio, como o manduvi, a ximbuva e o angico-branco. No Pantanal, alimentam-se de castanhas dos cocos de duas palmeiras, acuri e bocaiúva.

Entre sete e nove anos (chegam a viver até 50 soltas), começam suas próprias famílias, com dois fi-

lhos em média por postura anual ou bienal, dos quais só um costuma sobreviver. As avezinhas são frágeis e recebem alimento dos pais até os seis meses. Com três meses arriscam seus primeiros voos, e entre 12 e 18 meses tornam-se independentes.

Em novembro de 1989, a professora Neiva Guedes ministrava um curso de prática de conservação da natureza no Refúgio Caiman, no Pantanal mato-grossense e, ao ver um bando com umas 30 araras-azuis pousadas num galho seco, encantou-se com sua plumagem e seu comportamento. Descobriu que a ave encontrava-se ameaçada de extinção – motivada pela caça, pelo comércio clandestino, pelo desmatamento em seu habitat natural e pelos incêndios florestais – e resolveu lutar por sua preservação. “São aves aguerridas, guerreiras e resilientes, mas a pressão sobre elas é grande”, diz a cientista.

Aliás, a União Mundial para a Conservação da Na-

tureza (IUCN) registra que mais de 12 mil espécies de animais e plantas sofrem a ameaça de extinção no planeta. Com 282 animais, o Brasil fica atrás apenas dos Estados Unidos, da Austrália e da Indonésia nesse nada invejável ranking de risco.

Para reverter o quadro, Neiva fundou em 1990 o Projeto Arara Azul, desenvolvendo estudos sobre a biologia e hábitos da espécie. Em 2003, criou o Instituto Arara Azul em Campo Grande (MS) para dar apoio jurídico ao projeto, além de gerenciar e administrar os recursos recebidos por esse projeto e outros, inclusive de pesquisadores parceiros. As principais fontes desses recursos são ações como a campanha “Adote um Ninho” e o Turismo de Observação, ambos do instituto, além de doações de pessoas físicas e jurídicas, que chegam a fornecer veículos para seus trabalhos de campo e ajuda para viabilizar suas atividades.

O esforço de Neiva não foi em vão: entre 1998 e

2008, contou com o apoio do WWF-Brasil, período em que o número registrado de araras-azuis cresceu de 1,5 mil para 6 mil. “Não temos um número atualizado”, diz ela. A contagem, que é difícil, não inclui aves em cativeiro, apenas na natureza. “Não falo mal de quem tem em casa, mas prefiro vê-las soltas em seu habitat, com seu comportamento natural.” Conta ainda que já acompanhou visitantes estrangeiros que criavam araras-azuis havia muitos anos. Quando viram as aves no Pantanal, tiveram uma forte reação. “Choraram e me perguntaram se podiam trazer suas aves para cá, para devolvê-las à natureza”, lembra Neiva, acrescentando que isso não seria benéfico para elas.

O projeto, que já conta mais de 31 anos, prossegue firme. Ela espera que as araras-azuis possam encantar em número cada vez maior os visitantes do Pantanal e, se possível, de outras regiões do país.

Faça sua doação para: institutoararaazul.org.br



Criado no início dos anos 1990, o Projeto Arara Azul conseguiu reverter um quadro de declínio populacional que ameaçava de extinção a maior arara do país





BRASIL

PANTANAL

A maior planície inundável do mundo é também uma explosão de vida e cores

POR FLÁVIA VITORINO FOTOS MARINA BANDEIRA KLINK



À esquerda, a serra do Amolar se sobressai na paisagem pantaneira. A planície é lugar de nidificação de aves como tuiuiús e garças (acima)



A verdadeira história do Pantanal está escrita nos paredões inexplorados de Mato Grosso do Sul. Das dezenas de sítios arqueológicos existentes na região, o morro do Caracará, na serra do Amolar, guarda pinturas rupestres que revelam o mais antigo povo da região – os índios guatós –, que chegou ali milênios atrás. A mensagem deixada

naquelas rochas intriga até hoje pesquisadores e arqueólogos do mundo todo. E prova que, bem antes do espanhol Ruy Díaz, que lá desembarcou em 1593 já batizando o povoado de Santiago de Xerez, os guatós já sabiam da grandiosidade e da riqueza do ecossistema que depois veio a se chamar Pantanal.

Na verdade o Pantanal está localizado entre três países: Bolívia (leste), Brasil e Paraguai (norte). A parte brasileira se divide entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste). Este que vem a ser o menor bioma do país é a maior planície de inundação do mundo, com 250 mil quilômetros quadrados. Riquíssimo em biodiversidade, o Pantanal abriga mais de 650 espécies de aves, 260 de pei-

xes, 100 de mamíferos e 50 de répteis, sem contar as mais de 2 mil espécies de plantas. O ecossistema foi considerado pela Unesco Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera. É muita coisa.

Conhecer o lugar em uma visita só é tarefa difícil. Além das regiões do sul e do norte serem distintas, existe outra questão que muda completamente as vivências e também as paisagens. As estações da cheia e da seca.

Na cheia, entre os meses de outubro a março, os rios transbordam e a paisagem se torna fluida, uma imensa lâmina d'água espelha o céu e cada pôr do sol se torna um espetáculo único com uma miríade de cores. É o momento de revigoramento da fauna e da flora, em que é possível avistar com facilidade aves aquáticas como tuiuiús, cabeças-secas, patos, marrecos e garças. Já os mamíferos migram para áreas mais altas, onde se encontram muitas capivaras e veados-campeiro e catingueiro. Na seca, que vai de abril a setembro, os mamíferos que se dispersaram com a cheia voltam a ocupar a planície. O céu apresenta as noites mais estreladas, e a temperatura mais amena com o fim das chuvas torna os passeios noturnos bem prazerosos. Durante a vazante podem ser observados mais facilmente onças, queixadas e catetos (dois tipos de porco-do-mato, o primeiro com caninos mais salientes), cervos-do-pantanal e bandos de primatas, como

bugios e macacos-prego. A paisagem é formada por campos e morros isolados, além de pequenas lagoas dispersas e dos corixos, pequenos canais que ligam as lagoas.

O ideal é dividir a visita em duas experiências completamente diferentes: a região da cidade de Miranda (MS) e a porção que começa em Corumbá (MS), banhada pelo rio Paraguai, na fronteira com a Bolívia, e vai até a cidade de Poconé (MT), onde as viagens são feitas de barco.

O Refúgio Ecológico Caiman é a experiência mais completa para vivenciar o Pantanal por terra. Localizado na zona rural da cidade de Miranda, a cerca de 200 quilômetros da capital Campo Grande, há duas formas de chegar até lá: de carro ou por meio de aeronave particular ou táxi aéreo. O pouso acontece em pista particular e gramada, com 1.400 metros de comprimento.

O Refúgio Caiman é uma mistura de aconchego pantaneiro nos aposentos com a imersão na vida selvagem lá fora. Uma iniciativa autêntica que começou há mais de 30 anos como a primeira operação de ecoturismo no Pantanal sul-matogrossense. Fundado em 1912 como fazenda de criação de gado tradicional, hoje o refúgio desenvolve a pecuária extensiva de bois, vacas e bezerros integrada à natureza em campos de

pastagem naturais e artificiais. Além disso, a prática agroflorestal e outros três projetos integrados ao ecoturismo local permitem um mergulho profundo na cultura e na fauna: o Onçafari, o Projeto Arara Azul [leia textos sobre essas iniciativas nesta edição] e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Dona Aracy.

O Onçafari é um projeto que atua há dez anos na conservação das onças-pintadas da região. Um grupo de biólogos especialistas na fauna local sai a bordo de um veículo 4x4 que leva os visitantes para observar de perto a vida silvestre nos moldes dos safáris africanos, com destaque para as pintadas. Aliás, o Pantanal também tem seus “big five”, a exemplo das cinco estrelas selvagens mais difíceis de serem caçadas a pé na África – leão, leopardo, elefante, rinoceronte e búfalo-cafre.

Os nossos são o cervo-do-pantanal, a onça-pintada, a capivara, a anta e o tamanduá-bandeira. Apesar de que não seria exagero dizer “big six”, pois o tuiuiú, símbolo pantaneiro e a maior ave voadora do Brasil, prende nossa atenção toda vez que abre as asas em sua envergadura máxima, de até 3 metros, para levantar voo. Observá-los em seu hábitat natural é um encontro com a natureza profunda e com a própria essência pantaneira. E tão viva quanto o ecossistema é a cultura indígena, a cultura pantaneira, a música e a culinária, que em dias de festa adicionam ainda





Inscrições rupestres, um espetáculo a cada fim de tarde e uma fauna facilmente avistável mesmo para olhos urbanos: a magia do Pantanal junta pré-história e natureza exuberante

mais sabor ao cotidiano.

Muito antes da chegada do homem pantaneiro, ali nas proximidades das terras do Refúgio Caiman já habitava e ainda habita a comunidade indígena terena, que se destaca na arte cerâmica como meio de subsistência, com seu avermelhado polido e belos padrões de grafismos no estilo floral, pontilhado, tracejado, espiralado e ondulado. Eles produzem peças utilitárias e decorativas como vasos, bilhas, potes, jarros, na forma de animais locais, além de cachimbos, instrumentos musicais e adornos variados.

O trabalho, que é predominantemente feminino, tem algumas regras que devem ser seguidas pelas mulheres. Em dia que se faz cerâmica não se vai para a cozinha, pois acredita-se que o sal seja inimigo do barro. Aos homens cabe, por tradição na maioria das nações indígenas, somente o trabalho de extrair o barro e processar a queima, tarefas que exigem maior vigor físico. As peças são modeladas manualmente com a técnica de roletes.

Já a cultura do homem pantaneiro descende dos bandeirantes paulistas e dos garimpeiros que viajavam em canoas através dos rios Tietê, Paraná e Paraguai, em direção às minas de metais preciosos da região de Cuiabá. Terminada a Guerra do Paraguai (1864-1870), eles resolveram ficar e criar gado. Se afazendaram.



Chapéu de palha de abas largas, calças jeans e camisa. Na cintura, por debaixo do cinturão de couro, uma faixa de algodão colorida e um facão. Nos pés, as onipresentes botinas de couro.

Foi por meio da música que o cantor e instrumentista Almir Sater, natural de Campo Grande, criou uma sonoridade tipicamente pantaneiro-caipira da viola de dez cordas graças às influências culturais de seu estado. São canções e músicas de ritmos variados como o rasqueado, o chamamé e o rasta. Falam do movimento das águas, dos bichos no Pantanal, da lida com o gado, de causos de assombração, dos antepassados indígenas, das rodas de viola, das comitivas de boi e até da própria chalana, barco ainda hoje utilizado como meio de transporte.

Ainda de Mato Grosso do Sul, quase na divisa com Mato Grosso, partem os barcos em direção a um tesouro escondido do Pantanal: a serra do Amolar, que destoa completamente da perspectiva plana típica do Pantanal. Imagine uma cadeia de montanhas de 80 quilômetros de extensão, rodeada de rios e considerada como área prioritária de conservação. O local guarda em seus morros vestígios arqueológicos dos ancestrais que acreditavam ser ali o centro do mundo.

No fim do século 19 e início do século 20, o rio Paraguai, que cruza a serra do Amolar, se destacou como

importante via de navegação comercial, ao interligar as cidades pantaneiras à bacia do rio da Prata, o que trouxe crescimento econômico significativo para Corumbá, na época. O difícil acesso e sua complexa formação, cercada por rios, lagoas, campos alagados o ano inteiro e uma vegetação influenciada pela Amazônia e pelo Chaco, tornam a visita o descobrimento de uma riqueza nunca vista.

Partindo de Corumbá, o *Comodoro* é uma embarcação de luxo que realiza um cruzeiro de cinco dias pelo rio Paraguai até o Refúgio Acurizal, região ao pé da serra do Amolar onde vivem dezenas de comunidades ribeirinhas.

A embarcação é dividida pelo convés inferior, onde ficam as cabines da tripulação, a cozinha, o bar, a sala de jantar, a sala de TV e de jogos, com o deque de proa e uma plataforma de popa para acessar barcos menores. Já no convés do meio estão dispostas 15 cabines e uma pequena sala de ginástica. No convés superior estão a piscina, a *jacuzzi* e o terraço. Todos os pisos são servidos por elevador. O barco é equipado com um moderno sistema de navegação e tratamento de água, e as cabines são bastante espaçosas, com ar-condicionado, camas de casal e varanda privativa.

O roteiro feito pela Amolar Experience, a operadora local com mais conhecimento na região da Reserva Acurizal, parte diariamente com “lanchas rápidas”





que viajam acopladas ao barco-mãe, promovendo passeios diários com uma passagem completa por pontos quase inóspitos. É o caso do alagado do Taquari, antigo desastre ecológico que se transformou em um paraíso. Foram dezenas os problemas trazidos pelo assoreamento do rio Taquari, um dos principais afluentes do Paraguai.

Mas se o rio secou de um lado, do outro fez surgir o que passou a ser chamado de “Payaguás do Xarapés”, um delta de águas tão transparentes que a cor se confunde com o azul do céu. Além da estonteante transparência, a vegetação e a fauna se modificaram e as espécies foram substituídas por outras mais adaptadas à nova condição do solo: arraia e peixes coloridos que, ao nadar, parecem vindos de uma outra dimensão subaquática.

As viagens que partem diariamente do cruzeiro *Comodoro* contemplam ainda as vivências nas comunidades locais, caminhadas pela serra, as pinturas rupestres do morro do Caracará e o encontro com animais. Tudo entre um banquete e outro, no barco e em terra firme. Nas comunidades provam-se receitas, pratos, temperos desconhecidos e saborosos da tradição culinária do Pantanal. Veja a sopa paraguaia, por exemplo, que de líquida nada tem: trata-se de uma torta de massa clara, geralmente

servida em cubos. E os peixes, perdão pelo lugar-comum, dão água na boca. Pintados, pacus e piranhas são preparados das maneiras mais variadas: fritos, ensopados, assados, grelhados, ao urucum. Para fechar o festim gastronômico, o tradicional caldo de piranha é de lei.

O roteiro se completa com a opção de partir da última parada do cruzeiro para uma esticada de cerca de três horas de navegação até a região de Porto Jofre, bem próximo à cidade de Poconé, já no estado de Mato Grosso, e muito perto também da fronteira boliviana. Ali é o lugar de maior concentração de onças-pintadas do mundo. Algo em torno de oito a nove felinos a cada 100 quilômetros quadrados e que vivem tranquilos em seu habitat, caçando, tomando sol no fim da tarde e brincando com os filhotes nas praias formadas ao longo dos diversos afluentes.

Conhecer o Pantanal pode se resumir a isto: entender que ali é um mundo quase à parte, de natureza viva, pura. É ter a oportunidade de compartilhar uma riqueza especial do Brasil. Entrar numa peça de teatro onde a flora é o cenário e os protagonistas, além da fauna, são estrangeiros e brasileiros como nós, convivendo em harmonia nesse delicioso caldo de cultura e mistério chamado Pantanal desde o tempo dos guatós. 📍

FOTOS FLÁVIA VITORINO E DIVULGAÇÃO



De barco, a cavalo ou tendo o Refúgio Caiman como ponto de partida, o Pantanal é uma surpresa

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



CULTURA

SERRA DA CAPIVARA

*No Piauí, ela reúne um acervo inigualável de pinturas rupestres
e é a porta de entrada para desbravar os caminhos da pré-história americana*

POR ARTHUR VERÍSSIMO

FOTOS ANDRÉ PESSOA



Natureza moldada pelo vento e um mergulho na vida dos primeiros habitantes das Américas: isto é a Serra da Capivara

N

a memória, um vendaval de lembranças borbulhava diante do belíssimo cenário, espaço em que se fundem Caatinga e Floresta Tropical. Eu havia desembarcado no aeroporto de Petrolina, às margens do rio São Francisco, o Velho Chico, em Pernambuco.

Dali seguimos numa viagem de 300 quilômetros através da planície rumo ao sudeste do Piauí. Exatamente um ano antes, estive na região de São Raimundo Nonato, no Piauí, onde pude conhecer o Parque Nacional da Serra das Confusões, com 823 mil hectares, localizado entre os municípios de Guaribas e Caracol. Naquele período, o Parque Nacional da Serra da Capivara estava fechado devido à pandemia.

Eu desfrutava da paisagem homogênea da estrada e recordava a visita na serra das Confusões, lugar encantador com seus cânions, vales, desfiladeiros e grutas. Tive o privilégio de contar com o fotógrafo André Pessoa como guia. Foi ele quem me apresentou locais até então desconhecidos do público, além de me mostrar verdadeiras maravilhas da natureza presentes neste novo parque da Caatinga.

Desta vez, com a abertura pós-pandemia, eu iria conhecer e desfrutar do maior e mais antigo acervo de pinturas rupestres e sítios pré-históricos do continente americano: o Parque Nacional da Serra da Capivara – com a sua fascinante concentração de sítios arqueológicos recheados de arte milenar, religião e cultura, percorrendo os caminhos dos povos que habitaram esta região há milênios.

O parque foi declarado pela Unesco (órgão da ONU para Ciência, Educação e Cultura), no ano de 1991, Patrimônio Cultural da Humanidade. Desta vez, André me aguardava para finalmente desbravarmos parte da reserva, 129 mil hectares com um perímetro de 240 quilômetros, ou seja, do tamanho da metrópole de São Paulo. A cidade de São Raimundo Nonato é a porta de entrada para desbravar os caminhos da pré-história americana. O lugar conta com diversas pousadas, restaurantes, mercados, mas sobretudo com pessoas que conhecem profundamente o rico passado local e os mistérios da Caatinga.

Seguimos por mais 20 quilômetros até o Rupestre Eco Lodge, um complexo hoteleiro onde tudo já estava organizado para a nossa expedição. Começamos percorrendo o baixão das Andorinhas e o desfiladeiro da Capivara, onde estão os primeiros sítios arqueológicos descobertos pela renomada arqueóloga paulista Niède Guidon. Ainda na década de 1970, ela começou a escavação da toca do Paraguaio e se surpreendeu com as milenares



Apenas o Boqueirão da Pedra Furada conserva mais de 1.100 desenhos rupestres, com idades entre 3 mil e 12 mil anos

A desconcertante paisagem da serra da Capivara concentra o maior tesouro arqueológico do Brasil

pinturas da toca de Cima do Pajaú. Em seguida, desbravamos o boqueirão da espetacular Pedra Furada, além do mirante no vale homônimo.

Logo cedo, no café da manhã, tive o prazer de conhecer o jornalista Sérgio Brandão, repórter por muitos anos do *Globo Ciência* e, acima de tudo, um apaixonado pela serra da Capivara. Ele conta que esteve na serra em 1986, quando entrevistou Niède Guidon durante uma escavação. “Voltei muitas outras vezes”, conta. “Vou lhe dizer com sinceridade, continuo me encantando por este lugar, e feliz diante das pinturas rupestres.” Brandão acha emocionante ver vestígios tão antigos da pré-história e que o fazem pensar em nossos ancestrais quando ainda eram caçadores e coletores. “Esta experiência é um encontro comigo mesmo e com nossas raízes. Sempre me deslumbro com as trilhas, desfiladeiros, fauna, flora e os tesouros nos abrigos.”

Na sequência, na companhia dos experientes guias do parque, seguimos para a nossa primeira etapa da expedição: desbravar vales que lembram paisagens lunares com fauna e flora fascinantes, específicas da Caatinga.

Na vegetação já foram classificadas mais de mil espécies, boa parte delas endêmicas, ou seja, encontradas apenas nesse bioma e com árvores como aroeiras, angicos, paus-d’arco, jatobás e cactos fa-

mosos como o xiquexique, o mandacaru, o facheiro, o quipá e muitas outras espécies espinhentas. Na fauna, o destaque são os veados, uma infinidade de tatus, caititus (espécie de porco-do-mato) e as temidas onças. Entre as aves o destaque vai para as araras-vermelhas, a águia chilena, o urubu-rei e mais duas centenas de espécies.

Para conhecer os circuitos turísticos do parque é necessária a presença de um condutor de visitantes, uma modalidade local de guia turístico. Esses profissionais foram treinados pela Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm), e são credenciados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), para percorrer as trilhas e os sítios arqueológicos da reserva federal. O parque abre às 6h da manhã e pode ser visitado até as 17h.

As entradas são rigidamente monitoradas por equipes compostas apenas por mulheres, guardiãs que verificam na portaria a autorização e a presença do condutor. Atualmente, são cerca de 30 trabalhando nas guaritas, serviço que desenvolvem com extremo zelo e muita simpatia.

Valdirene de Lima nos conta detalhes da sua vida: “Nasci na região e fui criada nas imediações da magnética Pedra Furada. Somos guariteiras e guardiãs trabalhando dia sim, dia não”. Ela diz que desde pequenina caminha, respira por esses locais

Para desbravar os 129 mil hectares do parque foram criados 450 quilômetros de estradas vicinais

da pré-história e tudo permanece preservado. “Sou privilegiada por viver aqui com meus filhos. Recebemos muita gente do Brasil, além de estrangeiros.” Estamos na portaria da BR-020, entrada para os sítios do desfiladeiro da Capivara. Para desbravar os 129 mil hectares do parque, foram estruturados cerca de 450 quilômetros de estradas vicinais.

No fascinante livro *Imagens da Pré-História*, da antropóloga visual Anne-Marie Pessis, a autora resalta que a serra emergiu do fundo do mar há aproximadamente 225 milhões de anos. Formou uma cadeia de desfiladeiros e grotões, um relevo acidentado composto por rochas sedimentares, arenitos e conglomerados que durante milênios foram modelados pela força das águas e dos ventos.

No baixão das Andorinhas o visual é impactante, as formações rochosas de arenito revelam uma paisagem que nos transfere para outro período da Terra, com mirantes e encostas, lugar onde cânions e vales rasgam o horizonte. Um panorama de fato extrassensorial. Ao entardecer, acontece um maravilhoso espetáculo, quando os andorinhões em bandos dão voos rasantes para se abrigarem em pequenas cavernas.

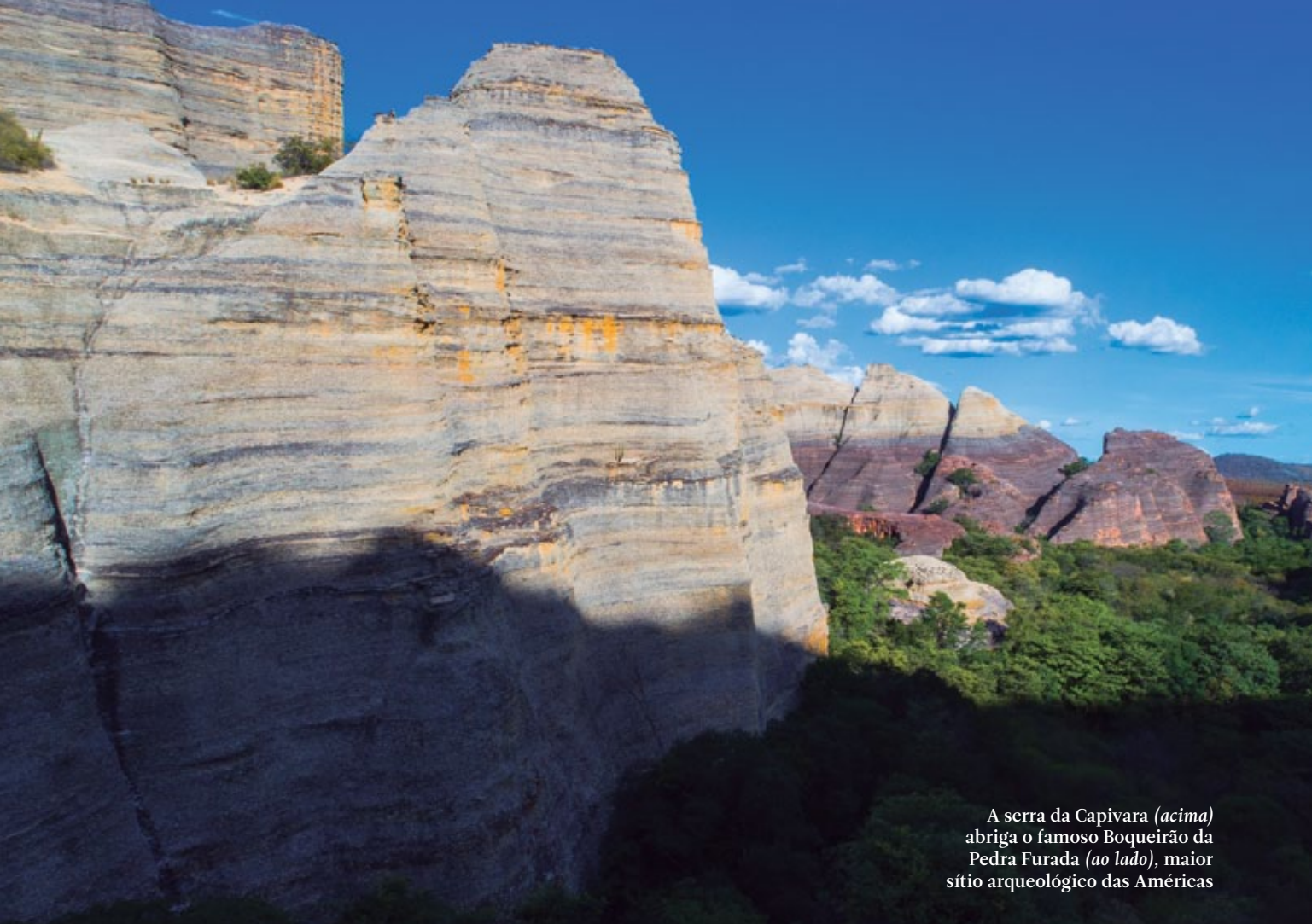
Aproveitei a oportunidade e, no alto de um morro, sentei-me numa rocha com mais de 200 milhões de anos. Alguns minutos de respiração e entrei em profunda meditação. Escuto a voz do guia sussurrar: “Arthur, vamos nessa, pois temos vários tesouros e pinturas rupestres para descobrir”.

Finalmente entramos no túnel do tempo, na colossal toca do Alto da Entrada do Pajau. O sítio ar-



O trabalho da antropóloga Niède Guidon, iniciado nos anos 1970, resultou na criação do parque nacional, de uma fundação e de dois museus (acima, Museu da Natureza)





A serra da Capivara (*acima*)
abriga o famoso Boqueirão da
Pedra Furada (*ao lado*), maior
sítio arqueológico das Américas

queológico que possui as pinturas mais antigas da região e foi pesquisado pela arqueóloga Niède Guidon e sua equipe é fantástico. O local é um imenso portal com centenas de imagens dos tempos ancestrais e que serviu de abrigo aos nossos antepassados.

As pinturas saltam do paredão rochoso, algumas parecem ter sido feitas há pouco tempo. Cenas que retratam o dia a dia, caçadas, rituais e tudo maravilhosamente conservado. Reflito sobre a trajetória de Niède Guidon desbravando, destemida, o caminho e superando os obstáculos. Na época, década de 1970, ela tinha como transporte apenas as mulas que carregavam seus equipamentos.

Naquele período, a arqueóloga costumava sofrer ameaças de gente mal-intencionada. Façanhas, esforços e proezas resultaram na descoberta de tesouros fascinantes por ela e sua equipe.

Observo atentamente os desenhos e a gigantesca cúpula do abrigo. Tento compreender o imenso trabalho que deve ter sido retirar sedimentos acumulados no sítio arqueológico. São camadas e mais camadas de terra e pedras que foram se estabelecendo ao longo dos séculos, talvez milênios.

O guia sutilmente nos tira do transe e com um sorriso satisfeito diz: “Isto é só o começo”. Segui-

mos para a toca do Paraguaio, o primeiro sítio visitado e escavado por Niède Guidon durante as expedições pioneiras naquela imensidão. Pinturas explodem diante da imensa pedra e representam cenas de dança, sexo, caça e muitos outros temas, alguns indecifráveis.

“Neste local foram encontradas duas sepulturas durante as escavações: uma com 8.670 e a outra com 7 mil anos”, explica o guia. Fico imaginando os animais da megafauna, os animais gigantes que habitaram a região, e logo ele me diz: “Durante milênios, espécies da megafauna existiram na região e parece que conviveram com nossos ancestrais”.

As espécies mais comuns da megafauna eram a preguiça-gigante, o mastodonte, o gliptodonte (parente ancestral do tatu) e o tigre-dentes-de-sabre. No magnífico Museu da Natureza é possível observar réplicas e fósseis de animais imensos. Havia também dezenas de espécies de médio e pequeno porte, que eram caçadas pelos habitantes pré-históricos. A extinção desses animais ocorreu há aproximadamente 10 mil anos, no fim do período chamado Pleistoceno, com a consequente mudança climática global.

Uma viagem ao passado, um verdadeiro caleidoscópio da pré-história com informações sobre geo-



logia, paleontologia, antropologia, botânica, biologia e arqueologia, tudo isso em poucas horas, e que me pareceu uma vida inteira. Estávamos famintos como deveriam ser as espécies da megafauna. Ancoramos no coração de São Raimundo Nonato, mais especificamente no restaurante do Donizete. Nosso grupo pediu suculentos pratos regionais como a famosa carne-de-sol que vem acompanhada de feijão-tropeiro, farofa, mandioca frita, arroz e vinagrete. Devoramos absolutamente tudo!

E, por incrível que pareça, naquele sol sem tréguas, estávamos prontos e renovados para seguir para outra joia da coroa, os principais sítios da serra da Capivara que ficam no circuito do BPF – Boqueirão da Pedra Furada, o mais visitado do parque nacional. Ele abriga a imponente Pedra Furada e a capela sistina da arqueologia americana, a toca do Boqueirão da Pedra Furada, com centenas de figuras milenares.

Entre os galhos secos da Caatinga surge a pedra, diante de um cenário avassalador. A imensa formação geológica é, na verdade, resultado da ação dos ventos e de uma erosão milenar, assemelhando-se a um imenso anel com o fundo infinito do céu azulzinho. Um convite magnético para conhecer o templo

maior de outras eras: a toca do Boqueirão da Pedra Furada, o maior sítio arqueológico do parque. Seu paredão, com cerca de 70 metros de altura, abriga mais de 1.100 desenhos rupestres datados entre 3 mil e 12 mil anos. As escavações no local começaram em 1978 e foram finalizadas mais de dez anos depois, já na década de 1990.

Hoje, estruturado para receber centenas de visitantes, uma grande passarela de metal permite a observação e, claro, uma contemplação prazerosa das pinturas rupestres, sem o risco de tocá-las. Essas obras de arte foram feitas por diversos grupos pré-históricos em diferentes períodos. No local, há duas tradições culturais definidas pelos pesquisadores: a Nordeste e a Agreste. A tradição Nordeste, que é predominante, existe pelo menos há 12 mil anos. As pinturas trazem figuras humanas e animais, sempre em movimento e representando o que parecem ser cerimônias, caçadas, máscaras (talvez cocares), sexo e figuras antropomórficas (com formas humanas). Já as pinturas da tradição Agreste têm desenhos canhestros que quase nunca mostram ação, com exceção das cenas de caça.

No Boqueirão da Pedra Furada há desenhos das duas escolas. Provavelmente nossos ancestrais



A paisagem da serra da Capivara, moldada pelos ventos ao longo de milhões de anos, criou esculturas naturais como esta ao lado

tinham seus momentos de estados alterados de consciência. As pinturas explodem no paredão com cores vivas: vermelho, branco, preto, cinza e outras sutilezas. Os grafismos são de diversos tamanhos e o êxtase é garantido. André Pessoa acompanha nossa jornada. “A localização da toca do Boqueirão da Pedra Furada é fascinante: essa região marcou o limite da fronteira entre a Mata Atlântica e a Floresta Amazônica, até que há 10 mil anos um período de seca começou a transformar tudo.” Entre as formações tropicais surgiram o Cerrado e a Caatinga. Existem ainda alguns pontos na região com matas originais, remanescentes, preservadas nos trechos mais úmidos, como desfiladeiros e boqueirões. “Essa diversidade de ambientes naturais é a herança deixada pela própria natureza e as mudanças climáticas.”

Aproveito a radioatividade da energia ancestral e subo até o mirante da Pedra Furada. Lá encontro o experiente visitante Felipe Aquino na companhia de sua família em busca dos segredos desse pedaço do sertão nordestino. Seus dois filhos, Gabriel e Rafael, contemplam a belíssima paisagem.

Aquino, que mora em São Paulo, decidiu trazer os filhos para conhecer este tesouro. “Isto tudo é uma verdadeira Disneylândia de outras esferas e uma viagem ao passado em busca das nossas origens.” Transbordando sabedoria, Aquino complementa: “São roteiros da história gravados na pedra. Trata-se de uma experiência impactante de voltar ao tempo em segundos e imaginar como as pessoas viviam ali, como sobreviviam, neste local inóspito convivendo com a megafauna. É a minha segunda visita e certamente iremos voltar”.

Continuamos nossa expedição em direção à oficina e à loja de cerâmica artesanal da serra da Capivara. A fábrica fica entre os povoados do Barreirinho e do Sítio do Mocó, lugares onde se localizam as principais entradas do parque nacional. O local possui uma série de alojamentos e um restaurante com comidas regionais: guarnições de legumes, arroz, feijão-verde, galinha, ovelhas e peixe grelhado. Além disso, conta com uma infinidade de doces apetitosos. Me lambuzei com o delicioso creme de buriti! Tudo é servido em uma maravilhosa cerâmica adornada com desenhos rupestres.

A cerâmica foi fundada em 1992 e toda a sua produção é feita de maneira artesanal. As peças vão desde objetos de decoração a utensílios como pratos, copos e xícaras. As belíssimas peças são vendidas em lojas no Brasil e no exterior. A fábrica é a fonte de renda para dezenas de pessoas que vivem nas comunidades locais. No espaço, é possível observar os artesãos em ação e até fazer uma peça de cerâmica com eles. Ao final, comprei um conjunto de pratos e xícaras da loja.

No dia seguinte, retornaria para Petrolina, e estava realizado com os descobrimentos e as maravilhas da serra da Capivara. Voltarei em breve para conhecer dois museus locais – o do Homem Americano e o da Natureza, ambos ainda fechados em função das restrições da pandemia. Esses espaços são considerados dois monumentos da ciência e do conhecimento, com amplas coleções de fósseis e instalações moderníssimas. 📍



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br





Albion Fields

ARTE

Nos campos da rainha

No interior inglês, um novo parque de esculturas, idealizado por um inquieto filho pródigo, colore a paisagem e atrai colecionadores e visitantes a Oxfordshire

POR ERIK SADAÓ



A



O marchand Michael Hue-Williams e uma das obras mais recentes de seu acervo: *Fat Convertible* (2019), escultura de Erwin Wurm

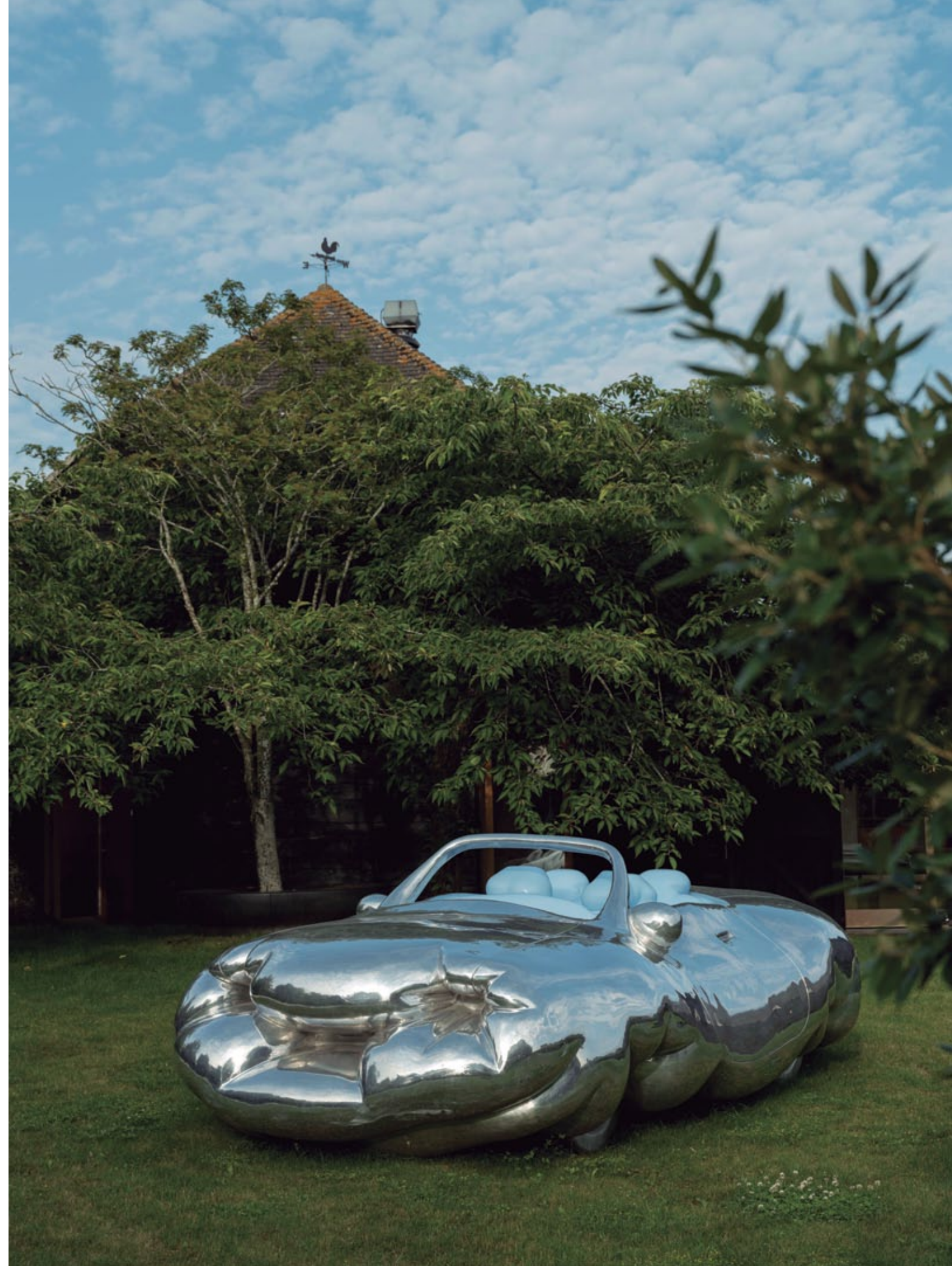
inda criança, o marchand britânico Michael Hue-Williams conheceu e ficou completamente hipnotizado por Peggy Guggenheim. A lendária mecenas das artes viria a se tornar sua principal mentora, sua grande inspiração em uma trajetória de sucesso no concorrido universo artsy.

Ele seguiu os passos da cartilha Guggenheim, famosa por unir projetos reflexivos de arquitetura que tornam o espaço tão interessante quanto as obras que hospeda. Logo após se formar em história da arte em Cambridge, Michael convidou para a construção de sua primeira galeria em Londres o britânico John Pawson e Claudio Silvestrin, seu parceiro italiano, antes que se tornassem estrelas mundiais conhecidos pelas linhas minimalistas. O ano era 1988 e a exposição dedicada ao surrealista alemão Max Ernst colocou a Michael Hue-Williams Fine Art no mapa.

Como era de se esperar, o sucesso o levou a Nova York, onde pôde entrar em contato com novos artistas, criando o intercâmbio entre seus conterrâneos e a Big Apple. Participações nas principais bienais e projetos em parceria com artistas como Ai Weiwei, em sua primeira mostra na Inglaterra, complementam um currículo impressionante.

Os conselhos da mentora, segundo Michael, “martelam até hoje na minha cabeça”. E o mantém inquieto no garimpo de novos artistas. Foi dele o pontapé inicial na carreira de James Turrell, Jaume Plensa, Andy Goldsworthy, Xu Bing e Joana Vasconcelos.

Já conhecido no circuito das grandes metrópoles, Michael encanou uma aventura em 2004, ao orquestrar no Egito, em pleno Saara, a instalação-performance *Man, Eagle Eye in the Sky*, de Cai Guo-Qiang, um de seus artistas preferidos. Durante cinco dias, uma seleta lista de convidados, incluindo Sir Richard Long, Sir Noman Foster, Olafur Eliasson, Janet Cardiff e George Bures Miller, desembarcou no deserto para conferir os imensos painéis em tons ocre, marca registrada do chinês, participando ativamente da performance com pipas pintadas na hora.





Pipas integraram a instalação de Cai Guo-Qiang no deserto do Saara. Ao lado, *Indeterminate Line*, de Bernar Venet, e *LOGO n. 134*, de Richard Woods, feita em forma de piscina

As produções internacionais fazem parte da rotina de Michael, incluindo pavilhões inteiros para a Bienal de Veneza, onde já acendeu o holofote para gigantes como Ilya e Emilia Kabakov, Richard Woods, Vito Acconci, David Adjaye e Cai Guo-Qiang. Foi em um desses projetos que estabeleceu sua primeira conexão com o Brasil, ao produzir uma mostra para Vik Muniz.

Anos mais tarde, conheceu os irmãos Campana e no comando da Albion Barn Publishing, editora especializada em livros de arte, produziu o primeiro registro impresso da singular produção de peças e mobiliários inconfundíveis dos irmãos: uma das representações mais bem-sucedidas da *design-art made in Brazil*. A experiência de rever o trabalho dos Campana somada à exposição *Transplastic*, comissionada para os brasileiros em Londres, foi, segundo o galerista, “um dos trabalhos mais importantes da vida”.

Numa daquelas reviravoltas que levam tantos personagens às origens, no começo do milênio Michael herdou 50 hectares de terras pertencentes à sua família há gerações. Em Oxfordshire ele criou, em 2014, a galeria Albion Barn Trade Limited.

Ela funciona como um literal celeiro das artes, incorporando um notável programa universal com autores renomados e promessas de mercados emergentes. Já nas primeiras exposições, talentos oriundos da África, América do Sul, Oriente Médio e Ásia foram apresentados pela Albion Barn ao

ávido mercado europeu.

O projeto assinado pelo conceituado Studio Seilern Architects não anuncia a contemporaneidade de seu interior. O escritório de Michael, com vista para a imensidão verdejante, dá acesso a uma impressionante biblioteca, seu lugar preferido no complexo. Repleta de passagens secretas, lá repousam descompromissadas algumas esculturas de sua vasta coleção, dando ares de arte *ready made* ao espaço.

A paixão por esculturas e instalações de grandes dimensões o fez refletir sobre a não existência de espaços abertos para colecionadores deste filão. Com tantos hectares de terra à disposição idealizou, um pouco antes do fechamento do mundo no último ano, um parque inspirado no francês Château La Coste e no holandês Kröller-Müller. Mas como o interior do território da rainha é conhecido pelas rígidas diretrizes para novas construções, com vilarejos protegidos e áreas verdes a perder de vista dedicadas unicamente a atividades agrícolas, Michael encarou uma verdadeira batalha para realizar seu sonho.

O Albion Fields, filho da pandemia, nasceu em julho de 2021, após as negociações iniciadas na prefeitura de Oxford chegarem à Suprema Corte britânica. O apoio de artistas locais, incluindo personalidades honradas com o título de “Sir”, foi fundamental para a aprovação do parque.

Vencido o temor da conservadora vizinhança a respeito da chegada de visitantes e, claro, da interferência da paisagem, intocada desde os





Albion Fields continua a crescer: estão previstas sete novas esculturas nos próximos meses

tempos da rainha Vitória, as primeiras obras expostas já subvertem o pacato cenário rural britânico. E mesmo durante um ano repleto de incertezas, a arte, como previu Michael, cumpre o papel de gerar questionamentos e começa a atrair para a região não somente compradores, mas visitantes, estudantes e aficionados.

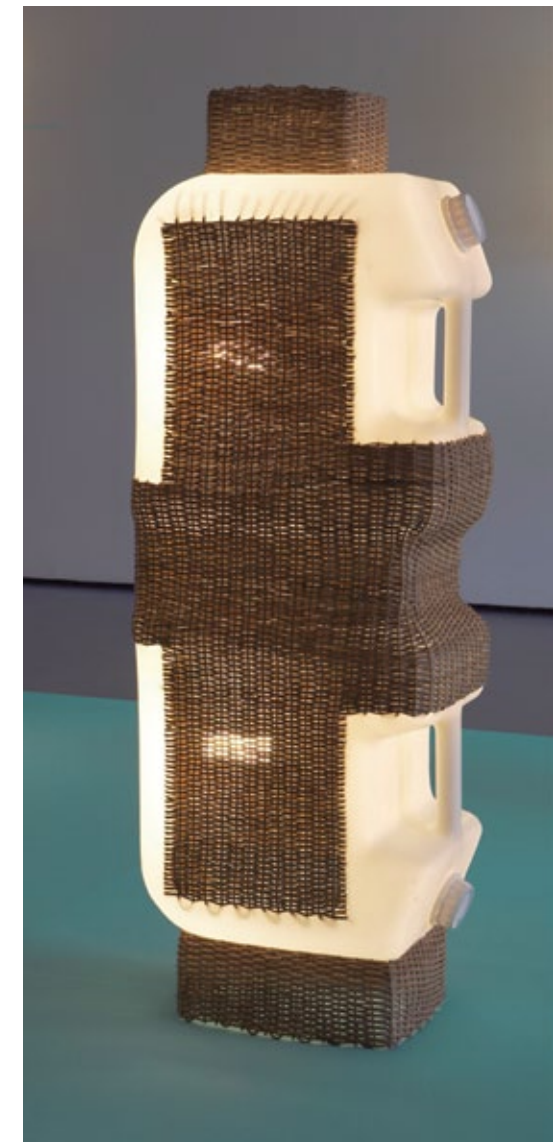
A principal diferença entre o Albion Fields e outros parques de esculturas é a metamorfose visual, com novas instalações alterando os campos constantemente. A primeira exibição, em cartaz até abril de 2022, é uma parceria com outras galerias como a inglesa Lisson, a sul-africana Goodman, a americana Marian Goodman e a berlinense König. São trabalhos de 26 artistas, entre eles velhos conhecidos como James Turrell, Bernar Venet, Alicja Kwade e David Adjaye.

Uma exposição de novas pinturas de Douglas Gordon (até fevereiro de 2022) será acompanhada por três obras de Tony Oursler no outono: (*AWGHTGWTA*), *Influence Machine* e *Talking Lights*. Os dois primeiros utilizam o formato *sons-et-lumière*, iluminando os celeiros conforme a chegada dos meses mais escuros. Já *Talking Lights* é composta por uma lâmpada antropomorfizada pelo som, sincronizando a intensidade da luz com o volume da voz.

Para manter a proposta de incubadora de artistas e suas grandes obras ao ar livre, o Albion Fields continuará a crescer. Estão previstas sete novas esculturas para os próximos meses. Além das mostras temporárias, duas instalações permanentes serão acrescentadas à coleção anualmente. E para manter a experiência do visitante impecável, novas galerias foram encomendadas ao estúdio Seilern Architects, incluindo um surpreendente espaço subterrâneo construído sob um dos celeiros mais antigos da fazenda.

Os hotéis de Londres já começaram a organizar visitas ao parque. E a curta viagem entre a capital e Oxford ficará ainda mais agradável após a inauguração de um pub recém-adquirido pelo complexo, prevista para a primavera do próximo ano. Decorado com obras curadas pelo Albion Barn e menu assinado por um *chef* sensação da região, pode ser a pedra fundamental de futuros empreendimentos na área da hospitalidade com a marca Albion. Não está descartada a criação de uma *guesthouse* nos próximos anos. Independentemente da época do ano em que planeje sua visita, uma boa dica para visitantes não britânicos são os sapatos impermeáveis...

Trilhando um caminho que deixaria Peggy Guggenheim orgulhosa, Michael planeja sacudir cenários pacatos com novos parques de escultura, nos moldes do Albion Fields, mundo afora. O próximo será inaugurado em 2022 na China, em parceria com galerias britânicas e amigos artistas que fez ao longo da vida. Como sempre, abrindo espaço aos novos talentos que seu espírito inquieto não para de descobrir.



Big Be-Hide, de Alicja Kwade (página ao lado, ao alto), *One Two Three*, de Jeppe Hein, e *Gallon Lamp II Phase II*, de Fernando e Humberto Campana (acima): destaques do Albion Fields



Hotéis artsy em Londres



THE LONDONER

Projetado como um tributo aos artistas, visionários e figuras excêntricas responsáveis pela aura vanguardista de Londres, o The Londoner (um hotel Legend da Preferred Hotels & Resorts) é opção perfeita para fãs da melhor hotelaria *boutique*. Localizado na Leicester Square, a poucos passos dos teatros do Soho, das galerias de Mayfair e da vida vibrante de Covent Garden.

O 8 at Londoner, japonês com menu estilo Izakaya, conta com um jardim de inverno concorrido localizado no topo do prédio. Já o Whitcomb's, francês com apresentação simples e elegante, utiliza ingredientes locais e oferece vistas do terraço para a agitada Leicester Square. O Joshua's Tavern, com uma seleção de gins e menu de gin-tônicas exclusivo, tem clima de taverna intimista. E o Refuel oferece poções e receitas preparadas para melhorar a performance do corpo e acalmar a mente em um ambiente que remete a um spa urbano.

HOTEL CAFÉ ROYAL

A entrada discreta localizada na agitada Regent Street não anuncia a riqueza de detalhes do interior estiloso e moderno do Hotel Café Royal. Suítes com o maior pé-direito da cidade foram decoradas com joias do design contemporâneo. As banheiras de mármore de única pedra, marca registrada de todos os quartos, funcionam como esculturas.

O Oscar Wilde Lounge, onde o escritor irlandês costumava sentar-se, se tornou o cenário de um dos chás da tarde mais concorridos da cidade. E o Green Bar, com menu de drinques de absinto, é dos endereços mais concorridos assim que caem as cortinas nas peças do West End. Uma entrada quase secreta, na lateral do hotel, permite que atores, produtores e público acessem o bar já na saída do teatro.



THE LONDON EDITION

Um prédio histórico no coração do Soho não revela o interior contemporâneo e elegante do The London Edition. O destaque são as suítes espaçosas, decoradas com madeira que remetem a um *yacht*.

O Lobby Bar, supermoderno, tem programação musical que varia de DJs a pequenas bandas de rock e jazz. E o concorridíssimo Punch Room é a releitura de um pub do século 19, com carta de drinques e comidinhas que merecem especial atenção. Fãs da alta gastronomia inglesa não podem perder o Berners Tavern, um dos restaurantes mais concorridos da cidade, com cozinha assinada pelo *chef* estrela Michelin Jason Atherton. 📍



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



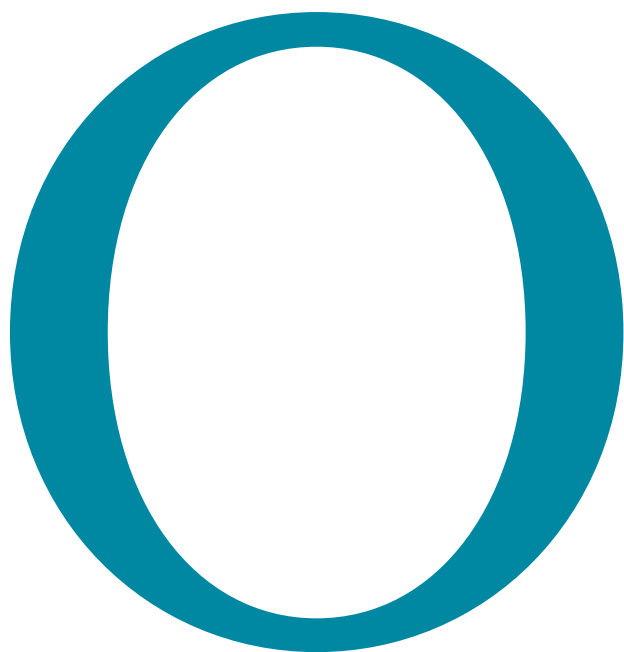
ESPORTE

MUNDO SUBMARINO

*Abrolhos, Sharm el-Sheik, Palau e Maldivas são alguns dos lugares perfeitos
para quem gosta de ir fundo*

POR WALTERSON SARDENBERG S^o





encontro entrou para a história. De um lado, Jacques-Yves Cousteau (1910-1997). Do outro, o engenheiro Émile Gagnan (1900-1979). Ambos franceses. Quem fez a apresentação, naquele ano de 1943, foi Henri Melchior, sogro de Cousteau e dono da Air Liquide, empresa de gases industriais. Ele sabia que os dois tinham interesses em comum. Cousteau aproximou-se da mesa de trabalho do engenheiro e, com algum desalento, disse que seu sonho era libertar os escafandristas da mangueira e da bomba na superfície. Para isso, teria de bolar uma válvula que reduzisse a pressão de um cilindro de ar comprimido à pressão ambiente. Sem delongas, Gagnan estendeu o braço, apanhou um objeto na estante e perguntou: “Seria isso?”. Era.

Com aquele encontro, o mergulho com ar comprimido deixou de ser um fetiche das marinhas de guerra. Foi se transformando em atividade do homem comum, pacato, civil. Não bastasse ter criado o mergulho autônomo, Cousteau inventava também o mergulho de lazer. Não parou por aí. Entusiasmado com o fundo do mar – por ele chamado de “o mundo silencioso” –, divulgou-o em filmes e programas para a TV. Criava assim a gênese do turismo de mergulho.

A partir daí, foram entrando no mapa rincões até então desprezados pelas agências de viagem. Ora,

se não exibiam em terra firme chamarizes suficientes para o turismo convencional, esses lugares tinham, no fundo – quer dizer, no fundo do mar –, atrativos para os mergulhadores tão persuasivos quanto miolo de pão para peixinhos. A saber: enorme vida marinha aliada à também superlativa visibilidade submarina.

CORAIS-CÉREBRO

É o caso do arquipélago de Abrolhos, ao largo da costa baiana. Para muitos, trata-se do melhor *point* de mergulho do Brasil, embora o shopping center mais perto fique em Porto Seguro, a 260 quilômetros dali.

Abrolhos consiste em cinco ilhas diminutas, funcionando como posto avançado da Marinha. Somente uma é habitada, a de Santa Bárbara. Eis aí um dos raros enclaves do Brasil com mais de dez casas e nenhum bar. Também não tem hotel nem pousada. É preciso se alojar em Caravelas (22 mil moradores), de onde zarpam os barcos de turismo. O pernoite é feito a bordo.

Esqueça esses detalhes – e venha. No inverno, as baleias jubarte dão *bye-bye* aos pinguins na Antártida e se acomodam para procriar em águas mais tépidas. Sem esforço aparente, saltam acima do nível do mar seus corpanzinhos de até 14 metros e 36



FOTOS FOTOARENA/ALAMY



Exclusividades do mergulho em Abrolhos: o coral-cérebro e o salto das baleias jubarte em sua dança de acasalamento no litoral baiano

Carcasas de aviões da II Guerra Mundial se tornam recifes artificiais e excelentes locais de mergulho. Corais e tartarugas estão entre os atrativos do mergulho livre em Palau

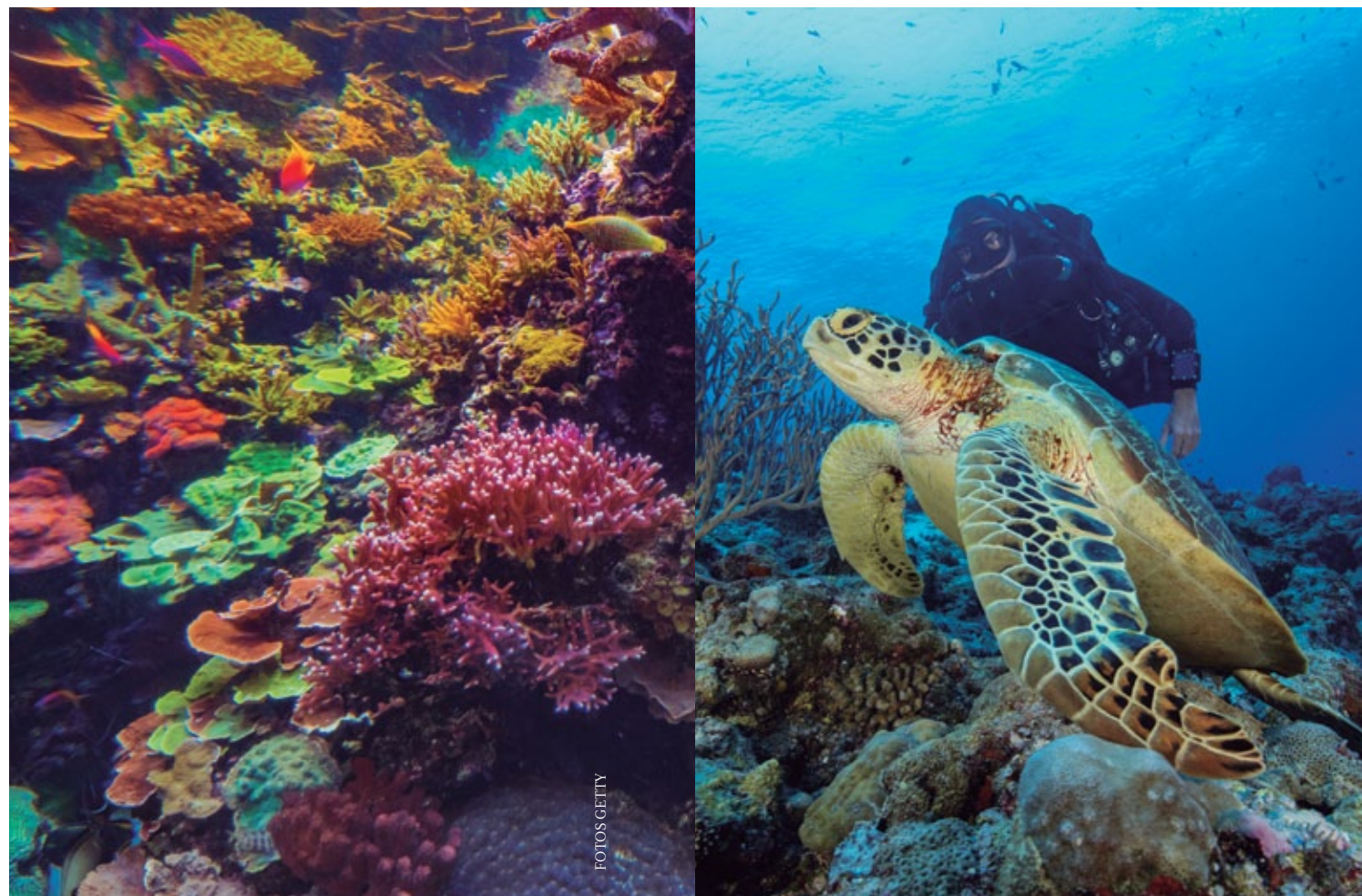
toneladas na idade adulta. Debaixo d'água, o espetáculo grandioso continua: todas as 21 espécies de coral da costa brasileira estão representadas, incluindo o *Mussismilia braziliensis*, com aparência semelhante ao cérebro humano – e exclusivo de Abrolhos. As formações coralíneas, aliás, deram origem ao batismo do arquipélago. Imensas, dificultavam o tráfego de barcos. Eram tantos os acidentes no século 17 que as cartas náuticas portuguesas recomendavam, com exclamação e tudo: “Abra os olhos!”. Pronto: Abrolhos.

DUAS LOCOMOTIVAS

Sharm el-Sheik, encravado à beira do Mar Vermelho, no Egito, tem mais atrativos em terra firme que o arquipélago baiano. Nem dá para comparar. Começando pela ótima estrutura hoteleira, restaurantes e lindas praias. A cidade foi construída para ser um centro turístico com muitos resorts – graças à limpidez de suas águas.

Em Sharm-el-Sheik, o viajante pode participar de turnês pelo deserto, andar de camelo e até jantar numa legítima tenda beduína. Ou ainda visitar o monte Sinai, onde, segundo o Velho Testamento, Moisés teria recebido os Dez Mandamentos. No sopé da montanha, ergue-se o mosteiro de Santa Catarina, o mais antigo do universo cristão ainda em uso, construído no ano 527. De qualquer maneira, nada comparável ao acervo histórico faraônico – cabe bem o adjetivo – do Egito.

Quer saber? Sharm el-Sheik é grandiosa de verdade abaixo do nível do mar. Sua biodiversidade inclui tubarões-martelo, além das arraias-manta – as maiores do gênero. Não se amedronte: dá para bater as nadadeiras com segurança em meio aos bichões. Ao lado de diversos tipos de corais, suas águas cristalinas guardam naufrágios históricos como o do navio britânico *SS Thistlegorm*.



O cargueiro no fundo do Mar Vermelho e os aviões de Palau viraram paraísos do mergulho

O gráudo cargueiro, de 126 metros de comprimento, zarpou de Glasgow, na Escócia, em meio à Segunda Guerra Mundial, para o que seria sua quarta e derradeira viagem. Seu destino era Alexandria, no Egito. Depois de contornar a África, entrou no Mar Vermelho. Perseguido pelos inimigos, acabou bombardeado por aviões alemães na madrugada de 6 de outubro de 1941. Seu paradeiro ficou desconhecido ao longo de 14 anos. Foi quando Jacques Cousteau – sempre ele! – encontrou os escombros, escreveu um artigo para a *National Geographic*, mas manteve a localização em segredo. A rigor, só em 1991 os mergulhadores começaram a descer, estupefatos, no que restou do *Thistlegorm*. Mergulhar ali é um privilégio. A carga, em boa parte intacta, incluía duas locomotivas, carros-tanque, caminhonetes, motocicletas e munição. Muita munição.

A MENOR CAPITAL DO MUNDO

Destroços de navios da Segunda Guerra naufragados são uma das especialidades do arquipélago de Palau, formado por oito ilhas perdidas no sul da Micronésia, no oceano Pacífico, além de 250 ilhotas e atóis. Há nada menos que 50 deles. Em Palau funcionava uma base japonesa e o local foi cenário de diversos combates aeronavais. Hoje, no entanto, nesta pequena república surgida em 1981, a vida corre tranquila.

Até porque o país tem só 21 mil moradores, contingente que não lotaria o Estádio Independência, em Belo Horizonte. Ainda assim, por questões administrativas, resolveu trocar a superpovoada capital, Koror, de 12.700 habitantes, por Ngerulmud, de apenas 371 pessoas. É a menor capital em termos de população do mundo.



Mas a faceta mais inacreditável de Palau, a despeito das excentricidades em terra firme, está debaixo d'água. Ficam aqui alguns dos mais espetaculares *points* do planeta. Isso se dá pela soma de duas camaradagens da natureza. A primeira são as profundidades abissais. A segunda, a convergência de três generosas correntes marítimas, que trazem em seu bojo um número bíblico de nutrientes, capazes de alimentar mais de 1.500 espécies de peixes. Se você acha que o Caribe tem uma espantosa variedade de corais — e tem mesmo —, saiba que, em Palau, ela é quatro vezes maior. Melhor ainda: a vertiginosa visibilidade submarina chega a 60 metros, enquanto a temperatura da água é como a do Nordeste brasileiro.

SPA SUBAQUÁTICO

Tal como Palau, a República das Maldivas também se caracteriza por um punhado de ilhas. São 1.196, pulverizadas ao sul da Índia, no Índico. As Maldivas detêm uma série de recordes: menor demografia da Ásia (540 mil habitantes) e o menor país muçulmano. É também a menor nação asiática. Exibe, ainda, o recorde de mais baixa altitude. Seu ponto mais elevado — digamos, seu Everest — chega a 2,3 metros acima do nível do mar. Caso as águas do planeta continuem subindo, as Maldivas tendem a desaparecer, como uma Atlântida moderna. O ponto posi-



FOTOS GETTY




Mergulho com arraia-manta no Mar Vermelho e nos corais das Ilhas Maldivas. Acima, Hotel Anantara, também nas Maldivas

tivo: entre esses recordes, figura o de país do sul da Ásia com mais alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), glória compartilhada com o Sri Lanka.

A maior parte do dinheiro, responsável por uma renda *per capita* de causar dor de cotovelo nos vizinhos, vem da indústria pesqueira do atum e, sobretudo, do turismo. Assim como na Polinésia Francesa, as Maldivas têm ilhas cercadas por perfeitas proteções de corais. Isso permite aos resorts montarem bangalôs *overwater*, com fundo transparente e sustentados por pilotis. Lugares assim são vendidos como o Shangri-Lá para casais em lua-de-mel.

Também os mergulhadores ativam a sólida estrutura turística. Pudera. As Maldivas incluem alguns dos grandes *points* do mundo e oferecem experiências como a do catamarã de alto padrão *Four Seasons Explorer*. A embarcação é um centro de mergulho flutuante, com spa a bordo e refeições gourmet. Seu intento é seguir em busca de arraias-manta. Se você detectar uma delas ainda não registrada pela tripulação, terá o privilégio de batizá-la. Outra experiência inesquecível nas Maldivas é nadar na ilha

Maamigile, em qualquer época do ano, com o maior de todos os peixes: o tubarão-baleia, um portento que pode chegar aos 12 metros de comprimento e pesar 20 toneladas.

Cientes de que seu fundo do mar é um atributo e tanto, as Maldivas inventaram o primeiro spa subaquático, o Huvafen Fushi. Contam também com um hotel com quartos debaixo d'água, o The Muraka. Sem esquecer o restaurante SEA, no Anantara Kihavah Maldives Villas, onde o almoço subaquático acontece no meio de um jardim de corais. Novidades que Jacques Cousteau adoraria aproveitar. 

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br





BEM-ESTAR

EM BALI, JORNADA RUMO AO WELLNESS

A ilha indonésia concentra alguns dos mais desejados spas do mundo

POR JULIANA A. SAAD



Postura de equilíbrio da ioga em um cenário de sonho: uma vivência holística em Bali

GETTY

M

ergulhar no puro *wellness* em spas de hotéis extraordinários confirma: há momentos em que a única pessoa que importa no mundo é você. Spa tem origem provável na expressão latina *salus per aquam* – saúde pela água. Traduzindo a verdadeira obsessão dos romanos pelos banhos em águas termais, que acreditavam terapêuticas, a definição atual é uma só: prazer. Situados em destinos realmente paradisíacos, os spas são procurados por seus tratamentos especiais, terapias exóticas e massagens surpreendentes em ambientes relaxantes, com técnicas milenares. A busca por equilíbrio, beleza e bem-estar é apenas um dos benefícios encontrados nesses oásis.

Um deles é Bali, considerada, por muita gente, a joia de destaque entre as mais de 17 mil ilhas e ilhotas da Indonésia. As belezas naturais são seu maior patrimônio e contribuem para fazer dela um local privilegiado na busca do bem-estar. Essa agenda apontando para um mergulho no *wellness* profundo é uma prioridade para os três hotéis da marca Como em Bali. O primeiro da rede é o Shambhala Estate, que nasceu com foco total no bem-estar, e os outros dois resorts são o Uma Canggu, na praia, e o Uma Ubud, no interior.

Com 30 suítes e vilas imersas nas selvas próximas a Ubud, o Como Shambhala Estate espalha-se por 23 hectares e foi criado pela fundadora Christina Ong em sua busca de uma vivência completa proporcionada pelas atividades holísticas. Na época, ela pontuou que a experiência deveria começar já no momento da chegada do hóspede – e continuar com massagens, hidroterapia, tratamentos de limpeza e atividades físicas, consultas e tratamentos ayurvédicos, além de ioga, pilates e meditação. E, se o hóspede preferir, pode simplesmente relaxar na piscina ou fazer caminhadas na floresta tropical ou no litoral da ilha.

Tudo isso sem esquecer as delícias da cozinha orgânica em seus restaurantes, como o Kudus House, em uma antiga residência javanesa de 150 anos, ou o Glow, com opções cruas, veganas e sem glúten. A alimentação saudável e energética é pensada de acordo com as necessidades individuais dos hóspedes.



FOTOS GETTY



Com vista para templos, arrozais e o Vale Tjampuhan, o Como Uma Ubud é um resort mais íntimo

O hotel pode programar mais de 30 atividades semanais em grupo, além das individuais. Todos os dias há pelo menos duas ou três aulas em grupo gratuitas, desde caminhadas matinais guiadas, terapia aquática, treinamento em circuito, ioga ou passeios de bicicleta pelos arrozais próximos. O estúdio de pilates é um caso à parte, suspenso em um penhasco com vista para o rio Ayung. Outro destaque é a descoberta da cultura local com guias especializados.



Dos famosos terraços de cultivo de arroz aos templos hinduístas, passando pelo banho sagrado no Tampak Siring, Bali é a mais visitada entre as 17 mil ilhas da Indonésia

ENTRE COQUEIROS E ONDAS

A 30 minutos a pé do centro de Ubud, com vistas para templos, arrozais e o Vale Tjampuhan, o Como Uma Ubud revela o charme de uma tradicional vila indonésia, mas com todas as conveniências e confortos atuais. É um resort mais íntimo, rodeado por coqueiros, figueiras, arrozais e rios, com uma pegada mais residencial em seus 46 quartos, suítes e vilas, estas com piscina privativa e todos com jardim tropical interno.

O spa remete aos tratamentos do Como Shambhala dedicados ao bem-estar holístico, e há também atividades como visitar templos, ciclismo e caminhadas. Nos restaurantes, a equipe aposta na culinária moderna e leve, com o menu do Kemiri interpretando pratos indonésios tradicionais e dos países vizinhos. Além da cozinha asiática, o Uma Cucina serve clássicos de inspiração italiana.

E no paraíso surfista de Canggu, na costa sul de Bali, o Uma Canggu é a síntese de um resort luxuoso à beira-mar com seus 119 quartos e vilas elegantes, culinária incomum no Beach Club e as experiências de *wellness* reproduzidas do Shambhala. Para viver Bali de forma mais completa, a sugestão é associar a hospedagem no Uma Canggu com três noites no Shambhala Estate, indo das melhores praias de surfe da ilha à selva densa com silêncio só quebrado pelo canto dos pássaros.



SUSTENTABILIDADE

A rede Como Hotels and Resorts tem como lema a sustentabilidade e o investimento na comunidade, reconhecendo os privilégios e responsabilidades de fazer parte de cada destino por meio da valorização da cultura local, apoiando a economia e minimizando os seus impactos no ambiente. A marca gosta de enfatizar que “operar de forma sustentável inspira e impulsiona os seus hotéis a servir melhor seus hóspedes, desenvolver suas equipes e planejar o futuro”.

BELEZAS SEM FIM

Banhada pelo oceano Índico no sudeste da Ásia, entre as ilhas de Java e Lombok, Bali exibe uma natureza praticamente intocada. Com uma cultura singular, templos, florestas, rios, praias e paisagens diversas, ela encanta e atrai os visitantes. Conhecida como a “Ilha dos Mil Templos”, mostra a força do hinduísmo nos detalhes diários da gentil população, como as oferendas nas portas das casas. Sua capital é Denpasar, onde está o aeroporto e de onde saem os acessos às cidades e resorts no interior e litoral.

Vibrante e quente, essa ilha mágica esbanja cultura com muita música e danças típicas, festas noturnas, cerimônias coloridas e artesanato. A cidade de Ubud é considerada o centro cultural de Bali,

com sua atmosfera inspiradora, museus, galerias e palácios. Ali, butiques, restaurantes, hotéis, bares, galerias e inúmeras lojinhas se misturam a várias oficinas artesanais e coleções de esculturas de madeira. Observar as preservadas técnicas ancestrais é uma das alegrias da viagem, com artigos lindíssimos por preços acessíveis. É por lá também que está a famosa Floresta Sagrada dos Macacos, um lugar de natureza exuberante.

Conhecida como a Terra dos Deuses, Bali é repleta de templos hinduístas ou budistas. Nos arredores de Kuta, o Tanah Lot (Templo da Água Sagrada) só pode ser visitado quando a maré está baixa, por ser totalmente cercado por água. Um passeio bacana é, de lá, esticar até a praia de Seminyak, dar um mergulho, passear pelas lojas e depois ir ao *beach club* KuDeTa para ver o pôr do sol.

O Pura Luhur fica em cima de um penhasco de 70 metros de frente para o oceano e é o palco da dança do fogo, com mais de 70 dançarinos mascarados. Mas o mais importante e sagrado é o Pura Besakih, um complexo de 22 templos nas encostas da montanha Agung, a apenas seis quilômetros da cratera do vulcão.

Adorei circular pela ilha a bordo de minicarros coloridos de capota aberta. Na aldeia de Tampak Siring, visitei Tirta Empul, famoso templo hindu construído

Fiéis em trajes típicos e suas oferendas se aproximam do Templo Tamblingan, em Bali, a “Ilha dos Mil Templos”. Na página ao lado, prática de ioga no Como Uma Ubud



GETTY



GETTY



no século 10 e onde balineses buscam a purificação por meio da água, que afirmam ser sagrada. O desfile de fiéis levando as oferendas é impactante e, a todo momento, você é lembrado das tradições hinduístas do país vendo as pequenas réplicas de templos na entrada das casas – a serenidade das pessoas reflete seu modo de vida.

Kintamani, na parte oriental de Bali, é outra experiência visual forte. Desse vale se avistam o lago e o vulcão, ambos com o mesmo nome: Batur. Outro templo que vale conhecer fica em Sebatu, chamado Gunung Kawi, um dos mais bonitos da ilha, rodeado pela floresta e chamado de “Templo do Silêncio”. Há muitos peixes nadando na fonte e faz parte da tradição alimentá-los com bolinhos.

Entre as melhores praias estão as famosas Nusa Dua, com todo o seu luxo e sofisticação, as tranquilas Sanur e Jimbaran, perfeitas para quem aprecia a gastronomia marítima, além das mais exóticas Padang Padang e Uluwatu, muito populares entre

os brasileiros. Canggu, Kuta, Seminyak e Legian são as principais praias de surfe da ilha. Localizadas na mesma faixa de areia, têm muito agito e vida jovem.

Elas são uma ótima pedida para os casais – um excelente e confortável ponto de partida para descobrir a beleza das águas balinesas, surfar em suas ondas famosas, aproveitar os dias de sol na areia, fazer compras, maravilhar-se com as montanhas e desfrutar da cultura e da gastronomia.

As comidas típicas são baseadas nas especiarias. O prato nacional é o *nasi goreng*, que significa “arroz frito”, e pode ser encontrado em todos os lugares. Não deixe de provar os doces, como o *rujak*, e os bolos de especiarias com coco. Cuidado apenas com a forte pimenta *sambal oelek*.

Na nova era das grandes viagens, Bali se encaixa à perfeição como destino onde o lugar-comum da expressão “paraíso” encontra uma real tradução. Malas e espírito prontos para embarcar rumo ao outro belo lado do mundo? 📍

O Komodo National Park abriga os famosos dragões-de-komodo, únicos no mundo. Única também é a experiência gastronômica do Kemiri, na página ao lado



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



C6BANK |  mastercard

APRESENTA

PROUDLY

COPENHAGEN

*A World Pride transforma a capital dinamarquesa
numa deliciosa festa non-stop*

POR ERIK SADAÓ





Eurogames, a olimpíada LGBTQIA+, acompanha as World Prides em cidades europeias

Embarquei rumo a Copenhagen, capital da Dinamarca, lugar em que me sinto em casa, com alta expectativa. Uma amiga querida, frequentadora assídua de festivais pelo mundo, passava férias na cidade e me ligou uma semana antes: “É inacreditável como as coisas estão normais por aqui, nem no transporte público é necessário o uso de máscaras!”. Em julho, ela, residente em Berlim, e eu, morador de Amsterdã, nos decepcionamos com o cancelamento de grande parte dos nossos festivais e eventos de verão.

Logo na chegada, desajeitado em relação às novas etiquetas de distanciamento social, me senti pisando em um outro planeta ao dar de cara com pequenas multidões em alguns pontos da cidade. Na praça da prefeitura de Copenhagen, vizinha do famoso Tivoli, um dos principais cartões-postais do país, dois palcos ofereciam programação garantindo a animação de famílias e visitantes durante o dia inteiro em um clima de festival.

Atletas de diversos países da Europa participavam dos Eurogames, a “olimpíada gay” que acompanha as World Prides quando hospeda-

das em cidades europeias. Ao final das competições, festas com DJs e shows de artistas locais nos palcos montados às margens do rio Øresund, concentração dos melhores exemplares da celebrada e funcional arquitetura dinamarquesa; e os bares à beira do Nyhavn, o lindo canal do século 17, famoso ponto turístico local, incentivavam a comunhão entre torcida e participantes, ostentando, orgulhosíssimos, suas medalhas.

Em outro canto da cidade, uma estrutura com salas de conferência foi estrategicamente instalada no Kødbyen. O “meatpacking district”, inspiração do famoso bairro de Nova York, é um dos meus lugares preferidos para se comer no mundo. Foi lá que representantes de governos e ONGs de diversas cidades do planeta acompanharam a Conferência de Direitos Humanos da World Pride.

Esportes, debates sobre direitos humanos e muita festa: assim foi a World Pride em Copenhagen



O Paté Paté, onde bato cartão, é famoso por servir caviar Beluga com ovos mexidos no *brunch*, a quintessência do despojamento escandinavo. Outras boas pedidas gastronômicas são o Fiskebar, com excelentes combinações de peixes, frutos do mar e ótimos vinhos; o MØR, animado, com menu variado de carnes, peixes e pratos veganos; e o novíssimo Camino, de cozinha escandinava contemporânea com toques internacionais.

Bairros centrais como Vesterbro e históricos como Nørrebro competem em diversidade de opções gastronômicas com Kødbyen. Mas para abastecer rapidamente as energias, em todas as praças da cidade, as estrelas são as barraquinhas de *pølsen*, o *hot dog* representante da *junkie food* local que, para mim, entrando no clima copenhaguense, compete de igual para igual com os pratos preparados pelo chef megaestrelado René Redzepi.

Acredite, foi preciso dose extra de energia para acompanhar a maratona de festas nos bares e clubes da cidade. No especial Proudly UNQUIET, disponível no nosso site, incluímos um serviço completo para quem quiser se jogar em uma das cidades mais *gay friendly* do mundo durante a próxima Pride ou em qualquer época do ano!

E anote na agenda: a próxima World Pride acontecerá em fevereiro de 2023, na ensolarada Sydney, Austrália, em uma megafesta de duas semanas combinada com o antológico Mardi Gras. 📍



Da *gay friendly* Copenhagen, a World Pride irá, em 2023, para a ensolarada Sydney, na Austrália, a próxima parada da festa mais animada do planeta



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



SCANDIC KØDBYEN

É difícil acreditar que a rede Scandic um dia foi sinônimo de hotel corporativo e sem graça. Após uma completa reestruturação de duas décadas, hotéis espalhados por todo o território escandinavo, em especial Copenhagen, ganharam cores e estilo que, hoje, servem de exemplo para hotéis-boutique mundo afora.

O Scandic Kødbyen tem localização privilegiada no “meatpacking” local. A estrutura conta com uma excelente academia, bar e restaurante animados. A decoração industrial, os serviços atenciosos e o café da manhã, servido em charmosas porções individuais, caíram rapidamente no gosto do exigente público gay.

ENSAIO

PLENA REINVENÇÃO

*Uma década atrás, Alexandre Suplicy redescobriu-se como
fotógrafo de viagens. E dos melhores...*



Fotógrafo de rua em Nova York. Ao lado, o clássico arranha-céu Empire State Building



Sossusvlei, Namibia





Torre Eiffel e rio Sena, Paris



Pirâmide do Louvre, Paris

N uma época em que o verbo reinventar tornou-se cada vez mais conjugado, a história do paulistano Alexandre Suplicy, 49 anos, é exemplar. Vejamos. Ele ganhava a vida havia duas décadas como diretor de arte em agências de publicidade quando, em 2011, se viu num impasse. Sua mulher, a jornalista Adriana Bittar, aceitou o cargo de correspondente da Rede Record em Joanesburgo, na África do Sul. Alexandre seguiu com ela. “O problema é que eu só consegui visto de acompanhante e, portanto, não podia trabalhar”, relembra.

Para ocupar seus dias, Alexandre, antes de tudo, comprou uma câmera fotográfica semiprofissional, uma Sony A 55. Depois, criou um blog para relatar o cotidiano e inscreveu-se em um curso de inglês. “Acabei me apaixonando pela fotografia”, sintetiza. Em especial, por imagens de viagem. Por fim, Alexandre descobriu-se em uma nova profissão – muito mais desafiadora e prazerosa que a direção de arte publicitária. Ao longo dos dois anos em que morou, com Adriana, na cidade de Joanesburgo,

formou-se em fotografia na Vega School e lançou-se em várias jornadas África adentro.

De lá para cá, renovou o equipamento e abriu ainda mais os horizontes. Esteve em dezenas de países muito diferentes entre si. Da Índia a Singapura. Do Lesoto à Finlândia. Da Namíbia à Suíça. Continuou a peregrinação mesmo quando o casal voltou a viver em São Paulo. Na ocasião, montou uma galeria de fotografia, que se tornou uma rede. Apesar do sucesso empresarial, desistiu da empreitada. “Ter virado um homem de negócios me impedia de fotografar, que é o que mais gosto”, explica. Vendeu sua parte ao sócio – e não se arrepende.

Hoje, o fotógrafo procura se inteirar das novidades como o drone, que incorporou à prática diária. “A tecnologia é hoje uma revolução constante”, resume. O sustento vem, sobretudo, de fotos para construtoras. Também ministra *workshops*. Enfim, mescla, aqui e ali, tarefas para o mundo corporativo e o editorial. Sempre levando nas mãos sua câmera Sony A7C e uma premissa básica: “Dou preferência a trabalhos em que possa viajar”. 📍

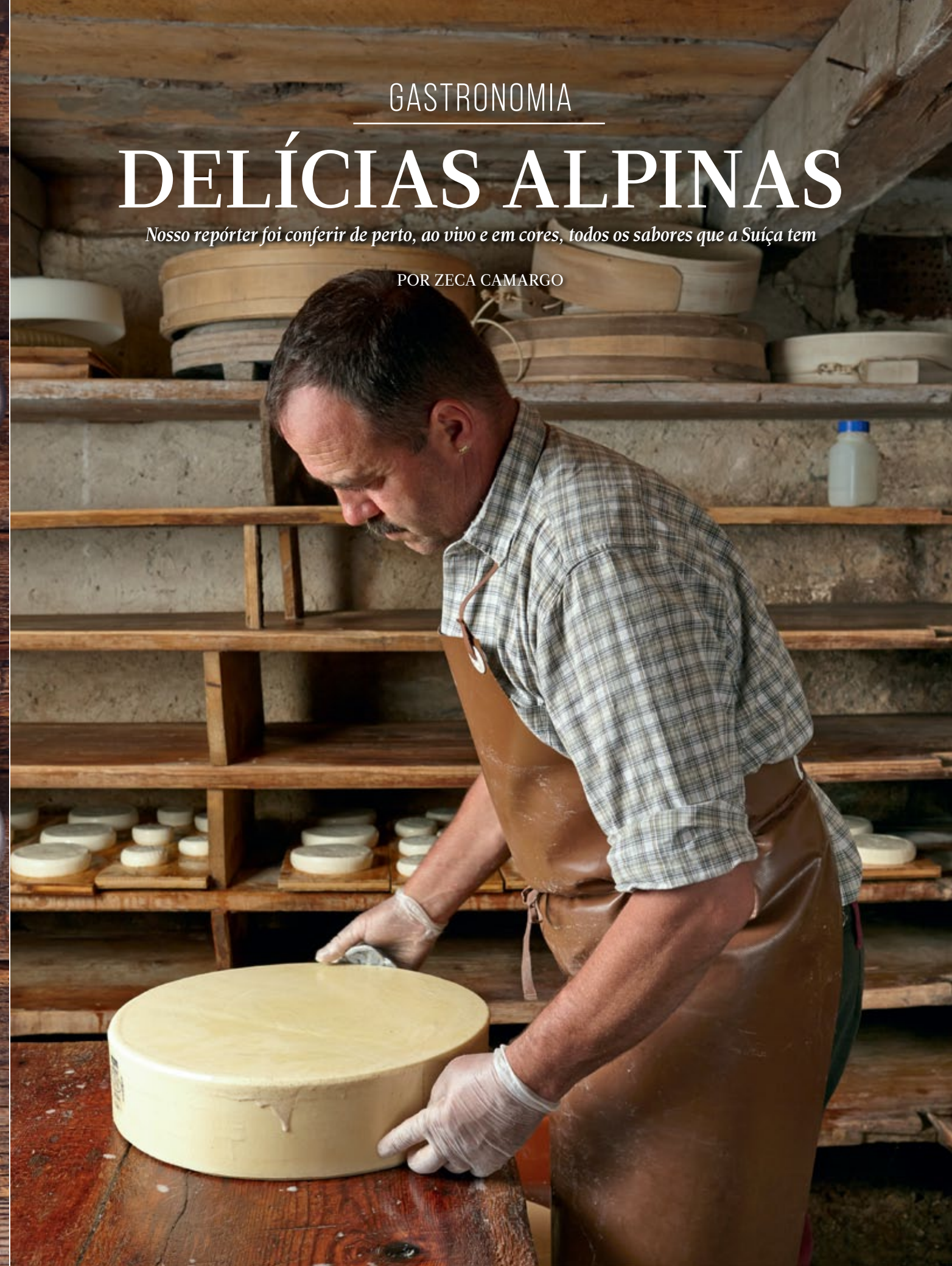


GASTRONOMIA

DELÍCIAS ALPINAS

Nosso repórter foi conferir de perto, ao vivo e em cores, todos os sabores que a Suíça tem

POR ZECA CAMARGO





Imagine que você se prepara para uma viagem sem surpresas. E aí é surpreendido a toda hora ao longo dela. Por um vitral de um de seus artistas favoritos numa pequena igreja. Ou por um pesto de ervas colhidas nos Alpes (inclusive urtiga!). Por um prato de coxinhas a 2 mil metros de altitude. Ou por uma estação de metrô que se chama simplesmente “Delícias”. Pois é, quando você pensa em Suíça como destino, e talvez duvidar da sua escolha por achar que lá nada vai te surpreender, eu diria para você me acompanhar sem pensar duas vezes.

Começemos por Lausanne. É lá que fica a tal estação “deliciosa” do metrô. Numa cidade em que o luxo dos hotéis e das casas de frente para o lago Léman se mistura com a energia dos jovens que lá vão para estudar (do mundo inteiro, inclusive do Brasil), o nome dessa parada, Délices, me pareceu um presságio.

Fiquei hospedado no incrível hotel Beau-Rivage Palace, praticamente na beirada daquelas águas calmas e convidativas. Dali, é possível fazer passeios pelo Léman (chamado também de lago de Genebra, a cidade mais conhecida, que fica numa de suas extremidades), até mesmo para a margem oposta, na França. Visitar, digamos, Évian-les-Bains, onde nasce a famosa água. Mas resisti a essa tentação e fui na direção oposta, morro acima, para explorar melhor o passado de Lausanne.

Vista da cidade de Lausanne, tendo o Léman, maior lago da Europa, ao fundo



Pistas de esqui, videiras nas colinas de Lavaux e a rica gastronomia do cantão francês: vinhos, raclettes e berries



O metrô foi inaugurado há pouco mais de dez anos e eu, subindo pelas suas estações, me perguntava: como as pessoas faziam antes de ele existir? Claro que não faltam carros de luxo pela cidade nem uma boa malha de ônibus. Mas aquela linha única e rápida é uma mão na roda de quem quer explorar a parte antiga de Lausanne.

Esse centro medieval, com suas ruas estreitas e sinuosas, que até hoje abrigam em alguns dias da semana mercados a céu aberto (a melhor opção para comprar as delícias gastronômicas do cantão de Vaud), faz você se perder no tempo. E a vista da ponte Bessières, de onde a gente consegue enxergar tanto o lago quanto a Notre-Dame, austera e imponente, já valeria o esforço de uma subida a pé!

Mas bom mesmo é descer, né? Algumas calçadas

são bem íngremes, por isso eu diria para você ir sem pressa. Vá admirando a arquitetura e dê uma paradinha na Blondel, uma chocolateria fundada em 1850 que é absurdamente boa – isso num país que já é famoso pelo chocolate... Siga então ladeira abaixo, mas, se você se cansar, sugiro que dê uma paradinha na Brasserie de Montbenon e aprecie o pôr do sol daquele ponto de vista, de um dourado que combina bem com a cor das cervejas artesanais que eles servem.

Ah! Você é mais do vinho? Lausanne tem várias caves encantadoras, mas, se você quiser provar da fonte, pegue um trem local e em apenas algumas

estações já está nos vinhedos de Lavaux, uma região nomeada Patrimônio da Humanidade pela Unesco. A honra, sem dúvida, é sempre bem-vinda, mas a beleza daquela paisagem dispensa condecorações. Escolhi a vinícola Croix-Duplex, em Grandvaux, para degustar – e não me arrependi. Pelo contrário, saí de lá com mais garrafas do que eu tinha programado, imaginando que ainda iria comprar mais algumas nos meus outros dias na Suíça...

Talvez para equilibrar tantas taças em uma tarde só, fiz questão de visitar o Museu Olímpico de Lausanne no fim do dia. O prédio elegante, que nem completou 20 anos, não agrada apenas aos fãs de esporte. Bastou que eu entrasse naquele espaço para me sentir completamente absorvido pelo tal espírito olímpico. As obras de arte que se misturam a peças históricas ajudam a dar uma atmosfera mais diversa ao museu e, quando vi, já estava correndo na réplica da pista onde Usain Bolt bateu seu recorde, tentando, sem sucesso, alcançar a sua marca.

Antes de anoitecer, já estava admirando o lago mais uma vez do meu quarto no Beau-Rivage! Confesso que a vontade de me perder no spa do hotel, recen-

temente reestruturado e com toques futuristas de extremo bom gosto, quase venceu a de eu simplesmente pegar (mais uma) taça de vinho e ver a luz ir embora naquele horizonte alpino. Dormi feliz aquela noite.

URTIGAS & RACLETES

O descanso valeu a pena, porque o destino seguinte era Crans-Montana e eu sabia que um trekking nas alturas me esperava por lá. Bem como o conforto de um dos mais incríveis hotéis dessa pequena cidade que é um templo do luxo. Me hospedei no Guarda Golf Hotel e fiquei admirado com a mistura de tradição por fora, aquelas imagens das casas bem típicas da Suíça, de varandas ultrafloridas, com uma sofisticação nos quartos que vi em poucos hotéis na Europa.

Novamente, a vista da sacada do meu quarto, que incluía o magnífico campo de golfe (a atividade de verão da cidade, mais famosa pelas suas pistas de esqui no inverno), falou mais alto. No lugar de explorar as pequenas ruas de Crans-Montana, preferi ver a noite chegar ali, degustando a garrafa de Moët & Chandon que o Guarda Golf gentilmente me ofereceu.



Esse não seria o único carinho que eu ganharia por lá. Antes do jantar, Simon Schenk, diretor-geral do hotel, me recebeu para um drinque acompanhado... das melhores coxinhas que a Suíça já experimentou. Dando uma lição de hospitalidade, ele me explicou que a dona do hotel é uma brasileira que havia descoberto na cidade uma senhora (do Brasil também) que fazia esse quitute por lá e, de vez em quando, servia para seus hóspedes que estavam com saudade da “comida de casa”! Com a volta do turismo neste final de 2021, eles já têm sete famílias brasileiras com reservas nos apartamentos mais espaçosos na nova área do hotel, que podem receber até oito pessoas – e têm uma cozinha de fazer inveja a este *chef* de fim de semana que aqui escreve.

Cozinhar, diga-se, não estava nos meus planos pela Suíça, mas quando, no meu segundo dia em Crans-Montana, Marlene me pediu ajuda para testar um pesto, eu não tinha como dizer não! Esse foi o ponto alto do trekking que fiz na região. Partimos de

Colombire, a alguns quilômetros da cidade. Pequenas casas onde o antigo estilo de vida das montanhas é preservado (com o conforto da vida moderna) marcavam nosso ponto de partida.

Minha guia, Marlene, já havia viajado o mundo inteiro atrás de duas paixões: as montanhas e botânica. Isso explicava seu olhar dividido entre as formações rochosas no nosso caminho, sublimes, mesmo com apenas alguns picos, os mais distantes, cobertos de neve mesmo no verão, e a vegetação rasteira da nossa trilha. Que experiência maravilhosa foi ouvir Marlene fazer pequenos discursos entusiasmados sobre plantas que muitas vezes sumiam na palma da minha mão de tão pequenas.

Tudo o que colhíamos na caminhada foi então picado e amassado para nosso almoço. Ao ar livre, a mistura de flores e folhas do pesto que eu mesmo preparei sobre o pão artesanal e mais os queijos maturados (um inclusive de 20 anos!) me pareceu um acompanhamento perfeito. Sim, a urtiga estava

presente na mistura, uma vez que Marlene havia me garantido: o que nos faz coçar são pequenos espinhos do caule da planta, e não suas folhas.

Eu saíria de Crans-Montana feliz com essa experiência gastronômica, mas Pierre Mainetti, secretário de turismo da região, ainda me surpreenderia com uma inesperadamente rica degustação de vinhos locais, inclusive alguns orgânicos, numa cave chamada Tîre-bouchon e mais: uma espécie de rodízio de *raclettes* no tradicional Le Mayen. Como sou absolutamente apaixonado por queijo, provei sem limites aquelas deliciosas fatias derretidas na hora, uma iguaria tipicamente suíça. E ainda descobri que o sabor de cada uma delas pode variar conforme as flores que as vacas consomem no início da primavera. Fascinante...

RESPIRANDO ARTE

O contraste entre os cartões-postais bucólicos de Crans-Montana e os contornos urbanos de Zurique, minha parada seguinte, não poderia ter sido mais



No alto, vista de Lausanne. Acima, o interior do Kunstmuseum Winterthur, em Zurique



Pralinés da fábrica de chocolates Lindt, em Zurique, e a catedral de Notre-Dame, em Lausanne

brusco – e bem-vindo! Depois de tanto tempo tão próximo da natureza, eu estava pronto para mergulhar um pouco na arte e na cultura de um centro como Zurique.

Na verdade, eu estava pronto para me banhar até no lago de Zurique. Como minha visita foi no fim do verão, a temperatura estava mais que convidativa, e os residentes não hesitavam em nadar ali na frente do meu hotel. Desta vez, me hospedei no Alex Zurich, que excepcionalmente fica bem na beira do lago. Sem uma rua, sequer uma calçada, me separando das águas, meu quarto, tão moderno quanto a arquitetura do prédio inteiro, desembocava bem ali: se fosse seguro eu poderia mergulhar do meu terraço!

Mas a cidade estava me chamando, e, na companhia de Luci, do Guia Suíça, eu estava pronto para redescobrir o centro histórico a pé. Fui lá pela primeira vez nos anos 1980, ainda mochileiro. Depois disso, Zurique sempre foi um lugar de passagem, como quando passei uma temporada nas termas de Vals. Agora tinha chegado a hora de conhecer a cidade de perto.

Zurique respira arte. Os museus talvez não sejam imponentes no tamanho, mas as coleções... Isso sem falar nas galerias, muitas delas que você des-

cobre quase por acidente, andando na cidade antiga. Encontrei até a editora de uma delas, a Hauser & Wirth, uma das minhas favoritas, onde não só comprei alguns livros de arte, mas também pude ver a linda exposição das mãos de Louise Bourgeois fotografadas por Alex van Gelder.

E mais: vi de perto um lugar quase mitológico para mim, o Cabaret Voltaire, onde em 1916 nasceu o movimento dadaísta. Ativo, ele está passando por uma reforma para continuar na missão de reunir o melhor da arte contemporânea. Mas se esta era uma visita programada, pois fiz questão de pedir para Luci me levar até lá, ter topado com os vitrais de Sigmar Polke na igreja de Grossmünster foi um acaso extraordinário.

A construção original é do século 12, mas as interferências do grande artista contemporâneo alemão são de 2009 e transformam todo o ambiente austero do templo evangélico. A beleza do seu interior já contava com um trabalho, também em vidro, de Alberto Giacometti, de 1933. Mas Polke joga as referências bíblicas em um outro patamar. Ter visto aquilo de perto, em especial os vitrais de ágata, foi algo transformador.

O almoço no Hiltl, o mais antigo restaurante vegetariano do mundo (1898!). A visita à livraria Orell Füssli, que de tão sedutora quase me fez comprar livros numa língua que não falo! Uma passada por outra igreja, a “das mulheres”, Fraumünster, para rever outros vitrais, estes assinados por Marc Chagall. A passagem por Zürich West, uma parte industrial da cidade, revitalizada com ótimas lojas (como a da disputada marca de acessórios urbanos Freitag) e casas de shows (o Schiffbau era um antigo estaleiro). A alucinante visita à fábrica de chocolates Lindt. Tudo que fiz depois dos vitrais de Polke era como se eu estivesse em transe.

Sim, eu estava fascinado com tantas escolhas numa cidade, na verdade num país, em que as pessoas ainda desconfiam que não vai trazer nenhuma surpresa a quem visita. Pois olha, nada podia estar mais errado do que isso. Tomando uma última cerveja antes de ir embora, ali no jardim Frau Gerolds, olhando os jovens se despedirem das últimas noites quentes do ano, eu mesmo reajustei minha opinião sobre esse lugar tão discreto e ao mesmo tempo tão fascinante. E já fazia planos para não demorar a voltar e encontrar novas surpresas. 📍



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



AVENTURA

SURPRESA PROFUNDA

Em Belize, o melhor programa é mesmo mergulhar em direção ao centro da Terra, no solo e no mar

POR ADRIAN KOJIN



Mergulho com tubarões:
um dos maiores
atrativos da vida
submarina em Belize

Você está pensando em visitar Belize? Se a resposta for sim, talvez seja o caso de parar sua leitura por aqui. Tome minha palavra como verdadeira e apenas vá. Por que digo isso? Quando experimento algo que me encantou, meu impulso é dividir a experiência com mais pessoas para que elas também possam passar pela mesma sensação. Mas, no caso de Belize, o que mais curti foi ser surpreendido por experiências que não tinham nenhuma relação com a imagem que eu tinha do país. Ou melhor, a imagem que eu não tinha.

Explico. Sou curioso por natureza e um fanático por viagens. Por isso, pesquisar novos destinos faz parte da minha rotina, inclusive profissional. E, para isso, me preparo. Só que não. Dessa vez, por diversas razões, eu estava tão atribulado que embarquei para Belize sem ter noção de para onde estava indo. Claro que eu sabia que era na América Central, que falavam inglês, que era um país pequeno, com menos de 400 mil habitantes, para o qual muita gente vai com a intenção de mergulhar e curtir aquele típico astral de paraíso caribenho. E também que a segunda maior barreira de coral do mundo fica lá, com o celebrado Blue Hole sendo seu principal atrativo.

Belize tem a segunda maior barreira de coral do mundo, além do celebrado Blue Hole

Caverna submersa usada em rituais, a Actun Tunichil Muknal é um mergulho literal na civilização maia



Óbvio que nadar roçando em tubarões foi fantástico, eles eram bonzinhos. E acostumados com seres humanos que dão um rolê em seu hábitat. Outro ponto alto foi velejar um dia inteiro a bordo de um catamarã de 55 pés, com paradas nas ilhas mais bonitas que você possa sonhar, vento na cara e o horizonte aberto à frente. Teve ainda a visita a um “quilombo” caribenho, onde pude provar da fascinante cultura garífuna, alimentando a alma com a simpática combinação de idioma, história, gastronomia, música e hospitalidade pertencentes somente àquele microcosmo do planeta.

Mas onde meu coração disparou de verdade, e o queixo caiu até o joelho, foi bem longe do mar.



FOTOS ADRIAN KOJIN, WIKIMEDIA COMMONS E ISTOCK



E também não foi em terra. Quer dizer, em terra foi, só que mais especificamente em suas entranhas, onde cheguei acompanhando o curso de um rio cristalino. Não, não se tratou de uma excursão de espeleologia, aquela ciência que estuda a formação e constituição de grutas naturais. Ainda que tivesse um tanto disso também.

Desembarquei do avião e meu guia esperava para me levar à cidade de San Ignacio, onde eu tinha reserva no Ka’ana Resort. Estranhei quando percebi que tomamos o rumo das montanhas e a cada quilômetro íamos ficando mais longe do mar. Que vexame, vou confessar aqui. Eu só tinha dado uma rápida passada de olhos no meu roteiro detalhado, recebido

dos organizadores da viagem via WhatsApp, e, como ficou claro naquele momento, sem ter prestado a devida atenção. O guia explicou que meus sete dias em Belize iriam começar pelo tour na Actun Tunichil Muknal, também conhecida como ATM, uma caverna cerimonial maia. Percebendo meu desapontamento, por não ter sido conduzido a um hotel de cara para o oceano azul-turquesa que eu avistara pela janelinha do avião, ele explicou que a intenção da programação era justamente mostrar que Belize pode oferecer muito mais do que seu estereótipo. O quanto, eu ficaria sabendo no dia seguinte.

Se a revista *National Geographic* classifica um destino como o número 1 do mundo na categoria Caver-

na Sagrada, não pode ser à toa. Noite alta, no conforto do meu aposento, tomei conhecimento dessa informação navegando na internet, e pela primeira vez suspeitei que estava a caminho de algo que seria muito mais do que uma caverna bonita, como tantas outras que já havia visitado mundo afora. Resolvi então que havia chegado a hora de demonstrar profissionalismo e ter certeza de que não iria deixar de registrar cada momento daquele tour com ares de expedição arqueológica.

Utilizando todas as tomadas disponíveis no quarto, carreguei as baterias do meu iPhone, da minha câmera Sony A6000, de duas Go Pro e do carregador extra. As Go Pro com atenção redobrada, pois ima-

ginei que seriam as mais importantes, considerando que para adentrar a caverna teríamos que nadar cruzando a lagoa formada pelo rio que flui do seu interior. Fui dormir me sentindo quase um Indiana Jones da era digital, pronto para encarar perseguições desenfreadas por túneis traiçoeiros, repletos de objetos pertencentes a civilizações ancestrais. Minha parafernália levada a tiracolo iria garantir a conversão de todas as emoções em bytes, como exige o *modus viajandi* contemporâneo.

Pois não foi que, já no interior da van que nos conduzia ao ponto de partida do tour, para meu espanto, recebemos, eu e os outros sete integrantes do grupo, a informação de que não poderíamos le-

O mar transparente do Caribe na ilha South Water Caye, na costa de Belize: o pequeno país da América Central oferece atrativos no mar, na mata e nas cidades





Ruínas da pirâmide maia de Caracol, local sagrado e de sacrifícios humanos, cercado pela mata de Belize

var para o interior da caverna qualquer tipo de equipamento fotográfico, ou de filmagem? O guia foi enfático, sendo eu jornalista ou não, absolutamente de nenhuma maneira. Tudo por culpa de um turista descuidado que havia deixado cair sua câmera sobre um crânio com mais de mil anos de idade, rachando a cabeça de uma relíquia histórica de valor incalculável.

Sem dúvida uma grande decepção, mas totalmente compreensível, e que acabou sendo a única de um dia inesquecível em todos os aspectos. Crânios milenares, a necessidade de ser um bom nadador, capacetes equipados com faróis. A coisa estava ficando bacana de verdade. Fazer o quê? Ficaria tudo gravado num mero arquivo da memória cerebral mesmo. As imagens para acompanhar os eventuais relatos da aventura teriam que ser buscadas depois em bancos de dados.

O roteiro, após deixarmos todos nossos pertences guardados na van em um estacionamento seguro, na entrada do parque, começou com uma caminhada de 45 minutos pela floresta tropical, atravessando

três rios ao longo do caminho. Um deles com o auxílio de uma corda esticada de uma margem a outra, para que ninguém escorregasse nas pedras do leito e fosse levado pela correnteza. Durante a trilha, nosso guia altamente especializado – apenas um número muito reduzido de profissionais está autorizado a conduzir tours na caverna – nos deu uma verdadeira aula de botânica e sobrevivência na selva.

Foi o aquecimento perfeito para que entrássemos no clima do que nos aguardava a seguir, quando iríamos iniciar nossa incursão num fabuloso mundo subterrâneo, cruzando 600 metros de terreno escorregadio, entrando e saindo de piscinas profundas, se esgueirando por passagens estreitas e sinuosas, equilibrados sobre pedras no meio da escuridão, clareada apenas por nossas lanternas de cabeça. Nos espaçosos salões avistávamos grandes estalactites e estalagmites decorando um ambiente ao mesmo tempo arrebatador e assustador, ainda mais à medida que o guia ia explicando o que havia sido revelado sobre os sacrifícios realizados ali.

Em 1989, um grupo de exploradores de Belize

descobriu a caverna cerimonial sagrada ATM, utilizada pelos antigos maias para realizar cerimônias religiosas. Em um determinado momento da história, devido à fome e às doenças causadas por um longo período de seca implacável, esses ritos passaram a contar com oferendas de vidas humanas como forma de aplacar a ira dos deuses por eles cultuados. Após nove anos documentando e explorando os mais de cinco quilômetros de extensão, a caverna foi aberta ao público em 1998. Hoje, os visitantes aventureiros podem se maravilhar numa inigualável via-

gem ao passado.

No interior da caverna, chega um momento em que todos têm que retirar seus calçados e subir cerca de três metros até uma plataforma plana com visão para o rio. Observando marcações no piso, os passos seguintes devem ser extremamente cuidadosos. Esse é o ápice da excursão, quando é possível avistar no chão e nas laterais da caverna centenas de peças de cerâmica e itens cerimoniais que datam de mais de mil anos atrás, deixados para trás pelos sacerdotes maias. Obras de arte, muitas delas misteriosas e ainda não compreendidas pelos arqueólogos, cobrem a parede.

Mais adiante, estão os restos mortais que comprovam de maneira irrefutável os sacrifícios humanos que ocorreram ali. Os arqueólogos descobriram 14 pessoas até agora, sete adultos e sete crianças pequenas com menos de 5 anos de idade, sendo que a ossada mais famosa é a da Donzela de Cristal, supostamente uma mulher de cerca de 20 anos, cujo esqueleto completo ficou



A fauna tropical de Belize se encontra protegida no santuário de Cockscomb Basin



FOTOS GETTY, ADRIN KOJIN E TURISMO DE BELIZE



FOTOS ISTOCK E TURISMO DE BELIZE

coberto por uma camada de calcita cintilante. Para os mais sensíveis pode ser um choque difícil de assimilar, como o próprio guia relatou sobre a reação de outros grupos que ele conduziu até ali. No nosso, a impressionante visão daquele conjunto de ossos, que permaneceu praticamente intacto e na mesma posição ao longo de séculos, suscitou uma enxurrada de perguntas. Todas prontamente respondidas pelo guia, na mais vibrante aula de história que eu tive a oportunidade de presenciar.

Cumprida a missão, o trajeto de volta à boca da caverna é menos tenso. Sem as paradas para escutar as explicações e impulsivados pela fome, é mais rápido também. De novo, os requisitos para subir as paredes de rocha íngreme e atravessar o terreno interior traiçoeiro, culminando com a nadada para chegar à saída e reencontrar a luz do sol, exigem que os visitantes estejam em boas condições físicas. De volta ao estacionamento, a refeição bem básica servida pela empresa operadora, frango



Placência propicia saídas para mergulho, o *dolce far niente* nas redes ou a imersão na cultura e nos ritmos caribenhos, como o reggae



com arroz, feijão, salada e um ponche de rum, cai no estômago como um banquete. O assunto à mesa, como não poderia deixar de ser, foi a fantástica experiência vivida entre os mortos preservados no assombroso interior da caverna.

O que dizer quando o primeiro dia já pagou a viagem toda? A verdade é que, se fosse preciso, eu poderia voltar para casa na manhã seguinte me declarando satisfeito, tamanho foi o impacto do que havia acabado de testemunhar. Mas, para minha sorte, ainda havia muita coisa a ser apreciada na minha semana em Belize. O bom é que, de cabeça feita, dali em diante tudo seria depositado na contabilidade como lucro.

Deixei San Ignacio em direção a outro sítio arqueológico magnífico. Escondida dentro da Floresta Chiquibul, fica a ruína maia mais imponente de Belize, e uma das mais significativas das Américas, rebatizada por seu descobridor de Caracol. A impressionante cidade já foi morada de mais de 140 mil pessoas e se estendia por mais de 100 quilômetros quadrados – abrangendo uma área maior do que a atual capital do país, Belmopan.

Abandonado pelos maias por volta do ano 900 da Era Cristã, Caracol teve desde então muitas de suas estruturas cobertas pela selva e destruídas pela passagem dos séculos, mas ainda assim segue cobrindo uma enorme área, dando aos visitantes oportunida-

des infinitas de exploração. Uma maquete da cidade exposta no centro de visitantes permite que se tenha uma boa perspectiva do tamanho e da complexidade das ruínas. Das mais de 35 mil estruturas conhecidas do complexo, o Canna, ou Palácio do Céu, é a mais visitada. A pirâmide, que ainda hoje é a mais alta de Belize, tem 43 metros de altura e abriga quatro palácios distintos e três templos. Conta também com uma acústica avançada, o que leva a crer que no passado os maias reunidos na praça abaixo ouvissem os anúncios de sacerdotes e governantes feitos lá do alto sem qualquer amplificação.

Outros destaques surpreendentes de Caracol são as quadras de um jogo de bola típico dos maias, o observatório astronômico, os altares, os reservatórios e a escrita maia. A extensão dessas ruínas bem preservadas torna difícil ver tudo, especialmente se a visita for de apenas algumas horas, como no meu caso. É possível gastar dias explorando o lugar. Mas, de um jeito ou de outro, ao final não tem como não ficar admirado com as conquistas dessa antiga civilização. Por Caracol ficar relativamente longe das rotas mais frequentadas por turistas em Belize, em alguns momentos da minha visita pude experimentar a sensação única de estar sozinho no meio daquele colossal conjunto de pirâmides, sem a distração de outros visitantes interferindo na minha fantástica jornada através do túnel do tempo.



Da mata luxuriante, onde os tesouros maias se ocultam, às barreiras de coral acessíveis por catamarãs, Belize é pura aventura

Do surpreendente passado para o surpreendente presente, de Caracol para o Blancaneaux Lodge, o antigo refúgio do lendário diretor de Hollywood Francis Ford Coppola, que ele mesmo transformou num resort de renome internacional. O sucesso foi tanto, ao ponto de levar a família a abrir uma segunda operação em Belize, o Turtle Inn, na charmosa cidadezinha litorânea de Placencia, meu destino seguinte. Nos dois hotéis dos Coppola, aplausos para a preocupação com a sustentabilidade e a carta de vinhos, disponibilizando o melhor de outra especialidade do clã, além dos filmes.

O que, no dia da minha chegada, eu pensei que seria o princípio do meu giro por Belize terminou mesmo ficando para o final. A caminho do mar ainda fiz um desvio para uma bela caminhada nas matas da Cockscomb Basin Wildlife Sanctuary and Jaguar Preserve, a única reserva de onça-pintada do mundo, desde 1986 protegendo essa espécie ameaçada. Não consegui avistar nenhum dos mais de 200 bichanos que, de acordo com as estimativas, habitam o santuário, mas pude observar vários dos animais abaixo deles na cadeia alimentar.

Minha primeira hospedagem em Placencia foi no estrategicamente localizado Itz'ana Resort, de onde saí para agradáveis pedaladas pela vizinhança, uma tradicional vila caribenha onde a população, majo-

ritariamente negra, circula embalada ao ritmo do reggae. Dali também parti para minhas investidas marítimas, o já mencionado mergulho com os tubarões e o passeio num dos catamarãs da The Moorings, a renomada empresa de *charters* de barcos que tem ali uma de suas mais movimentadas filiais.

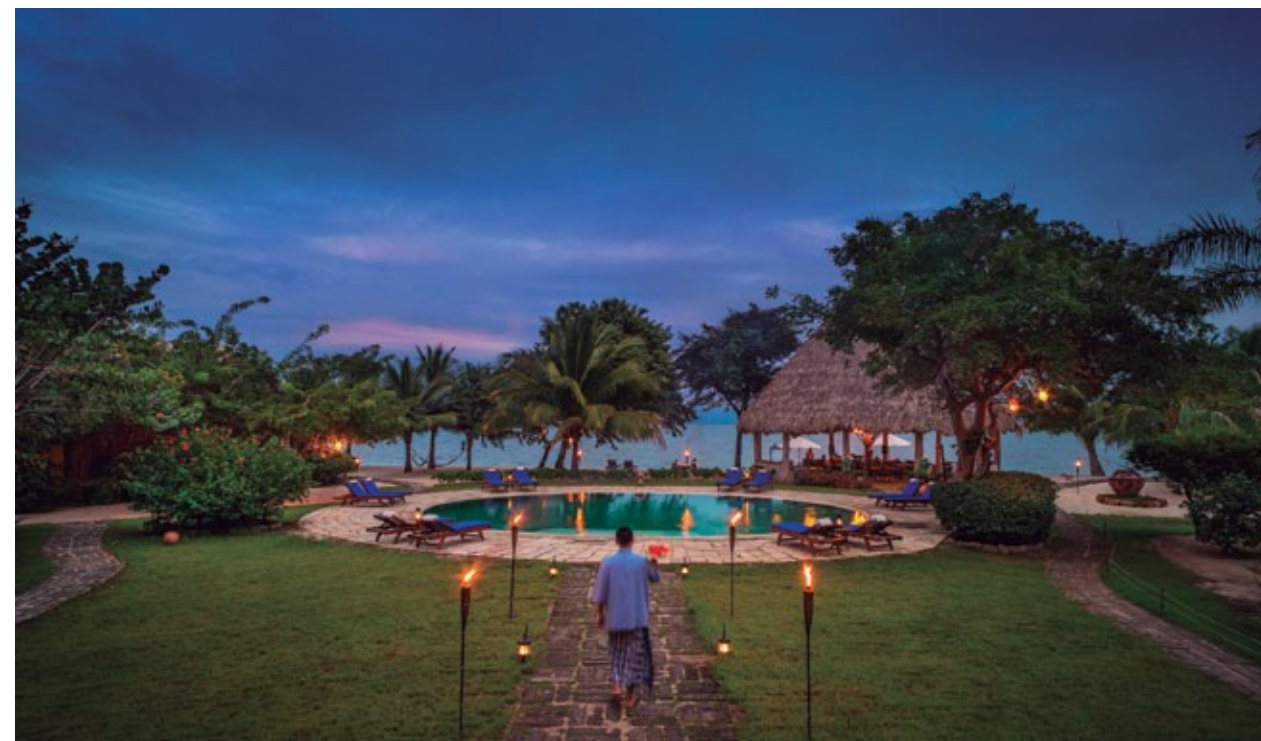
A última noite foi como todo sonho deve acabar. No Turtle Inn, pude desfrutar do charme cinematográfico que só um bangalô com a assinatura Coppola, com a sensual brisa do Caribe entrando pelas amplas janelas de frente pro mar, pode proporcionar. Quando embarquei para Belize, quase às cegas, realmente não esperava que a cada dia uma nova surpresa arregalaria meus olhos. Pode não ser o mais recomendável, mas nesse caso não saber direito para onde eu estava indo deu muito certo.

MERGULHANDO NO BURACO AZUL

O Great Blue Hole também foi, há milhares de anos, uma caverna. Muito profundo, esse buraco marinho gigantesco fica próximo do centro do Lighthouse Reef, um pequeno atol a 70 quilômetros do continente e da cidade de Belize. Com formato circular, tem 318 metros de diâmetro e 124 profundidade, com uma superfície de 70.650 metros quadrados e foi formado durante vários episódios de glaciação quaternária, quando o nível do mar estava muito



FOTOS TURISMO DE BELIZE



mais baixo. A análise das estalactites encontradas no seu interior mostra que as etapas sucessivas de sua constituição ocorreram há 153 mil, 66 mil, 60 mil e 15 mil anos. Quando o oceano começou a subir novamente a caverna foi inundada. O Great Blue Hole faz parte hoje da Reserva da Barreira de Corais de Belize, a segunda maior do mundo, e foi declarado um Patrimônio Mundial da Unesco.

O local ganhou fama planetária após ter sido apontado como um dos cinco melhores locais de mergulho do mundo por ninguém menos que o lendário oceanógrafo francês Jacques Cousteau. Em 1971, ele trouxe seu navio, o *Calypso*, para explorar suas profundezas. Outra expedição que deu uma grande exposição para o Blue Hole aconteceu bem mais recentemente. Em dezembro de 2018, dois submarinos foram empregados na tentativa de mapear seu interior. Usando a varredura de sonar, a equipe foi quase capaz de completar um mapa tridimensional do buraco. Uma de suas descobertas foi uma camada de sulfeto de hidrogênio a uma profundidade de aproximadamente 91 metros. A água nessa profundidade e abaixo torna-se escura, anóxica (sem oxigênio) e, portanto, sem vida. A expedição submarina também descobriu os corpos de dois mergulhadores no fundo, dos três que se acredita terem desaparecido ali.

O Blue Hole está na lista daqueles lugares que todo mergulhador dedicado deve um dia obrigatoriamente conhecer. Ainda que haja muita gente que coloque em dúvida a classificação Top 5 dada a ele por Cousteau. A começar por ser um mergulho de risco relativamente alto, recomendável apenas para mergulhadores experientes e que estejam na ativa. O maior perigo é a narcose por nitrogênio, que afeta certas pessoas em mergulhos profundos, em menor ou maior grau. Além da necessidade de uma segurança psicológica muito forte para encarar a escuridão de um abismo oceânico. Como não me considero um mergulhador de verdade, apenas um reles dileteante dessa arte, deixei para a próxima. Mas que deu vontade, deu. 📍



Além de uma hospedagem charmosa, nos hotéis Blancaneaux Lodge e Turtle Inn, dos Coppola, também é possível saborear os vinhos que a família produz na Califórnia



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



ENTREVISTA

MARIO *Haberfeld*

Para o ambientalista brasileiro, criador do projeto Onçafari, uma das melhores maneiras de preservação do meio ambiente é o ecoturismo

POR LUIZ GUERRERO RETRATOS TUCA REINÉS



E

m 1989, o paulistano Mario Haberfeld, então com 12 anos, participou com a família de um safári na Tanzânia, África. Foi uma aventura, pois os turistas viajavam na boleia de um velho caminhão, dormiam em tendas precárias e só tomavam banho se houvesse um rio por perto. A experiência, contudo, marcou a vida do garoto que pretendia ser veterinário, mas acabou se tornando piloto de competição por influência do pai, fã e amigo de Nelson Piquet. Viveu nas pistas durante 20 anos, conquistou alguns títulos importantes, mas decidiu se aposentar das competições em 2004 para fazer o que lhe dava mais prazer: percorrer o mundo para ver animais em seus habitats naturais.

Foi para Sichuan, na China, reduto dos pandas gigantes; para Churchill, no Canadá, onde se concentram os ursos polares; Uganda, na África, para avistar gorilas; viu tigres nas colinas de Maikal, na Índia... Nessas viagens, concluiu que muitas espécies haviam sido salvas da extinção porque passaram a ter valor econômico com o ecoturismo. Por que não tentar fazer algo do tipo no Brasil? Inspirado nos modelos dos parques nacionais que visitou, Mario fundou em 2011 a ONG Onçafari. E o que teve início como uma promotora de safáris para avistamento de onças no Pantanal se transformou em uma próspera organização ambiental reconhecida internacionalmente. Acompanhe a entrevista.



UNQUIET _ Você se baseou em qual modelo para criar o Onçafari?

Mario Haberfeld – O modelo que me pareceu mais adequado para o projeto foi o da reserva de Sabi Sands, na África do Sul. A reserva foi formada nos anos 1930 com a fusão de algumas fazendas de gado da região, entre elas a propriedade de 10 mil hectares da família Varty. Começou como reserva de caça, o que era conveniente para os fazendeiros que queriam se livrar dos leões e leopardos que se alimentavam dos bois e ovelhas.

Uma situação parecida com o que ainda se vê por aqui.

Mesma situação, com a diferença de que aqui se caçam onças, apesar de proibido. Na fazenda dos Varty, as caçadas se estenderam até o começo dos anos 1970, quando um dos filhos, John Varty, passou a rastrear de jipe as pegadas de uma leoparda até avistá-la. No começo, o animal fugia porque associava a figura do homem como ameaça. Mas depois de meses sendo observada de perto, percebeu que o jipe de Varty, estacionado ao seu lado, não representava perigo e parou de fugir.

É o que você chama de habituação, ou seja, habituar o animal à presença de humanos?

Exatamente. John Varty, hoje um ambientalista e documentarista da vida selvagem muito respeita-

do, repetiu a prática com outras fêmeas de leões e leopardos e quando se deu conta de que esses animais já não mais se importavam com a presença dos carros, criou um lodge, o Londolozi [*proteção, em zulu*], com algumas cabanas. O local passou a atrair cada vez mais visitantes porque era o único no mundo onde se podia ver um leopardo a pouca distância. Os fazendeiros vizinhos perceberam que o negócio era mais lucrativo que a criação de gado, copiaram a iniciativa e acabaram se unindo para formar um só parque, hoje com cerca de 60 mil hectares.

Pode-se dizer que esses animais foram domesticados?

Não, porque a domesticação muda o comportamento do animal selvagem. Na habituação, a interação com os humanos é neutra, ele apenas se acostuma com a presença do homem. Na África, a habituação é feita há

50 gerações de animais e não consta que algum deles se tornou domesticado.

Há uma razão para que apenas as fêmeas sejam rastreadas?

Sim, isso acelera o processo. Os filhotes reproduzem o comportamento das mães e, em duas gerações, já estão plenamente habituados com a presença dos veículos carregados de humanos com suas máquinas fotográficas. A técnica, em resumo, consiste em fazer com que o animal perceba esses veículos da mesma forma como percebe uma árvore.

Você teve assessoria da equipe de Varty para implantar a técnica no Brasil?

Sim, trouxemos para o Pantanal um dos mais experientes guias do mundo, Simon Bellingham, que me acompanhou em algumas das viagens pelo mundo e se tornou cofundador do Onçafari, além de outros profissionais do Londolozi

e de especialistas brasileiros, para criar nosso modelo.

Por que você escolheu a Pousada Caiman para iniciar o Onçafari?

Primeiro porque eu já conhecia Roberto Klabin, dono da Caiman, e admirava suas iniciativas ambientais. Ele já tinha uma estrutura hoteleira montada e isso abriu a implantação do projeto. Depois, por causa da população de onças na região da pousada. Nos últimos dez anos, identificamos mais de 200 animais no local, mas eles raramente eram avistados. Antes da nossa parceria com a Caiman, avistava-se onça em média duas a três vezes por ano; hoje, é possível vê-las mais de 900 vezes por ano. Em 2020, 98% dos hóspedes avistaram onças.

A taxa de ocupação da pousada aumentou por conta disso?

Nos primeiros oito anos, houve aumento de 270%, cerca de 70% de turistas de outros países. O



“A lógica é simples: quem vai ao Pantanal está interessado em ver onças, e não capivaras”

No começo, a Mitsubishi fabricou vículos especiais para o Onçafari (página ao lado)

movimento cresceu tanto que, em junho deste ano, a pousada abriu mais 18 acomodações.

Tudo em função das onças?

Em grande medida, sim. A lógica é simples: ninguém vai a um safári na África para ver zebras, e não que isso não seja interessante. Mas o que todos querem ver são os leões e os leopardos. Da mesma maneira, quem vai ao Pantanal está interessado em ver onças, e não capivaras.

Como a população local se beneficia disso?

O chefe de família percebeu que ganharia cinco ou seis vezes mais trabalhando com o ecoturismo do que na lida com o gado. Com o salário de peão, tinha de sustentar a família, porque as mulheres raramente conseguiam emprego na pecuária. No ecoturismo, a mulher pode trabalhar, por exemplo, como cozinheira da pousada, os filhos nos serviços gerais ou como guias e rastreadores. Fora isso, há a questão

ambiental. Antigamente, essas pessoas saíam para caçar onças porque era a cultura dos seus antepassados. Hoje, elas concluíram que os animais valem mais vivos do que mortos e se empenham em preservar cada espécime.

A iniciativa também faz com que os empreendimentos se valorizem?

O exemplo mais claro disso é o que ocorreu em Sabi Sands. As terras na região eram áridas, não valiam nada, tanto que o pai de John Varty ganhou sua fazenda em uma aposta num jogo de tênis nos anos 1930. Com o incremento do ecoturismo, uma das reservas de Sabi Sands, a Mala Mala, também com 10 mil hectares, foi vendida há três anos por 120 milhões de dólares para o governo sul-africano, a maior transação de terras fora da área urbana na África do Sul.

Você é um dos pioneiros na avistagem de onças no Brasil?

Antes do Onçafari havia pouco ecoturismo baseado em avis-

tamento de animais, já que era quase impossível ver uma onça, por exemplo. O que havia, e ainda há, são locais que se declaram ecológicos, mas mantêm animais presos em jaulas para visitaçao. Ou pousadas que atraem os animais com a ceva, ou seja, acostumando o bicho a receber comida em determinada hora. Além de ilegal, a ceva é uma prática arriscada. Todos os ataques de onças registrados foram em função da ceva e é simples entender o motivo: quando o animal não encontra a comida, tende a atacar quem estiver por perto.

Além do ecoturismo, sua ONG tem atuado em quais áreas?

Temos seis frentes: a primeira é o ecoturismo que engloba o avistamento de onças no Pantanal e de lobos-guará no Cerrado. Outra frente é o que chamamos de “ciência”, formada por um grupo de especialistas que estuda o comportamento das onças e divulga as informações em artigos acadêmicos. A terceira se refere

às atividades sociais: promovemos palestras sobre sustentabilidade em escolas públicas e, com a pandemia, arrecadamos recursos para os hospitais da região do Pantanal. Temos a frente da educação, responsável pela produção de livros e documentários, além das palestras em universidades e empresas. Também começamos a atuar na reintrodução na natureza de animais selvagens cativos...

É possível reintroduzir um animal cativo na natureza?

Provamos que sim, é possível. Há seis anos dois filhotes de onça foram levados ao Centro de Resgate de Animais Silvestres em Campo Grande [MS]. Eles haviam sido encontrados junto com a mãe a 400 quilômetros dali, no quintal de uma casa em Corumbá, mas, na tentativa de resgate, a mãe foi abatida. Como os filhotes não tiveram tempo de aprender a caçar, foram condenados a viver no cativeiro. Soubemos do caso e conseguimos permissão para levar os animais até a Caiman, onde

confinamos as oncinhas em um recinto fechado de 10 mil metros quadrados monitorado por câmeras e sem contato humano. Soltamos uma cotia e depois filhotes de capivara no recinto para que os filhotes se alimentassem por conta própria. Quando eles passaram a caçar jacarés de grande porte e queixadas machos, um tipo de porco selvagem muito agressivo, concluímos que estavam prontos para retornar à natureza. Na prática, a reintrodução foi bem-sucedida, mas faltava a comprovação científica, que só reconhece o êxito da iniciativa quando o animal passa a ter descendentes férteis. No caso das oncinhas, cada uma teve três filhotes e também netos. Foi a primeira vez que a reintrodução de onças funcionou.

Você pretende repetir a prática?

Já repetimos com sucesso na Amazônia para testar um bioma diferente, e em Esteros del Iberá, no norte da Argentina, com onças levadas do Pantanal. Mas nosso sonho é reintroduzir onças na



Mata Atlântica, onde a espécie corre sério risco de extinção. Com a população reduzida, são comuns os acasalamentos consanguíneos, entre mãe e filho, por exemplo, e isso acarreta problemas genéticos. A reintrodução levaria sangue novo para essas áreas e seria relativamente simples fazer o processo com onças pantaneiras, que são da mesma espécie, mas a legislação não permite a mistura de animais de diferentes regiões. A alternativa que estamos estudando é pegarmos filhotes de onças cativas em zoológicos.

As onças são monitoradas?

Algumas recebem um colar com GPS e, além disso, a área é coberta por câmeras ativadas por sensor de movimento.

Qual a sexta frente da Onçafari?

É a de florestas. Quando fizemos a reintrodução de onças na Amazônia, percebemos que a floresta na margem esquerda do rio São Benedito, no sul do Pará, estava sendo devastada a um ritmo assustador, em contraste com a reserva natural intocável de 4 milhões de hectares, na região da serra do Cachimbo, na outra margem do rio. Com o apoio de patrocinadores, compramos uma área na região devastada e estamos criando um cinturão verde para proteger o rio. A ideia é procurar áreas biologicamente importantes e estratégicas, mas ameaçadas, e reflorestá-las para fazer com que se tornem autossustentáveis. Em 2020, em parceria com o Projeto Arara Azul, compramos uma área no Pantanal Norte e formamos um corredor ecológico de mais de 400 mil hectares, onde vive a maior população do mundo de arara-azul.

As empresas estão abertas para apoiar esse tipo de iniciativa?
Quando eu era piloto, visita-

va 100 empresas em busca de patrocínio e, com muita sorte, conseguia um. Já na área de preservação, não faltam recursos. O difícil é arrumar gente com formação ou que esteja disposta a trabalhar com isso.

E aí me ocorre uma sétima frente: a de formação de pessoal.

Olha, estamos trabalhando nisso. No Brasil não existe formação de guias, enquanto na África quem quiser trabalhar como *ranger* precisa ser diplomado em um curso específico e que é muito rigoroso. Não é por menos que os guias africanos são os melhores do mundo. Aqui, a maioria dos guias é formada em biologia, pessoas que amam animais, mas têm alguma dificuldade em lidar com os humanos. Conseguimos reunir uma equipe que se sai bem tanto com os humanos quanto com os animais e todo ano fazemos reciclagem com cursos ministrados por guias africanos ou por meio de intercâmbio. Nosso próximo passo é criar uma escola de guias.

Sua equipe é formada por quantas pessoas?

Hoje são 30 funcionários fixos, a maioria biólogos, distribuídos em oito bases – duas na Mata Atlântica, quatro no Pantanal, uma no Cerrado e outra no Pará.

Como essa estrutura é mantida?

Com o patrocínio e o apoio de algumas empresas, com os safáris, doações e agora com nossa loja virtual.

Você administra tudo dos Estados Unidos, onde mora?

Não, é impossível. No ano passado me mudei com a família para o Brasil porque o Onçafari cresceu muito e rapidamente [Mário é casado com a economista Ana Medeiros Haberfeld e tem dois filhos].

“Conseguimos reunir uma equipe que se sai bem tanto com os humanos quanto com os animais”

Seu time está trabalhando na habituação de lobos-guará na Fazenda Velocittà em Mogi Guaçu. Como andam os trabalhos?

Sim, estamos monitorando os lobos por meio de armadilhas fotográficas, as tais câmeras ativadas à distância por sensores de movimento. E, além de lobos, as câmeras também flagram onças-pardas. O lugar se tornou uma ilha de conservação e a ideia é fazer algo voltado para o turismo nesse pedaço de Mata Atlântica.

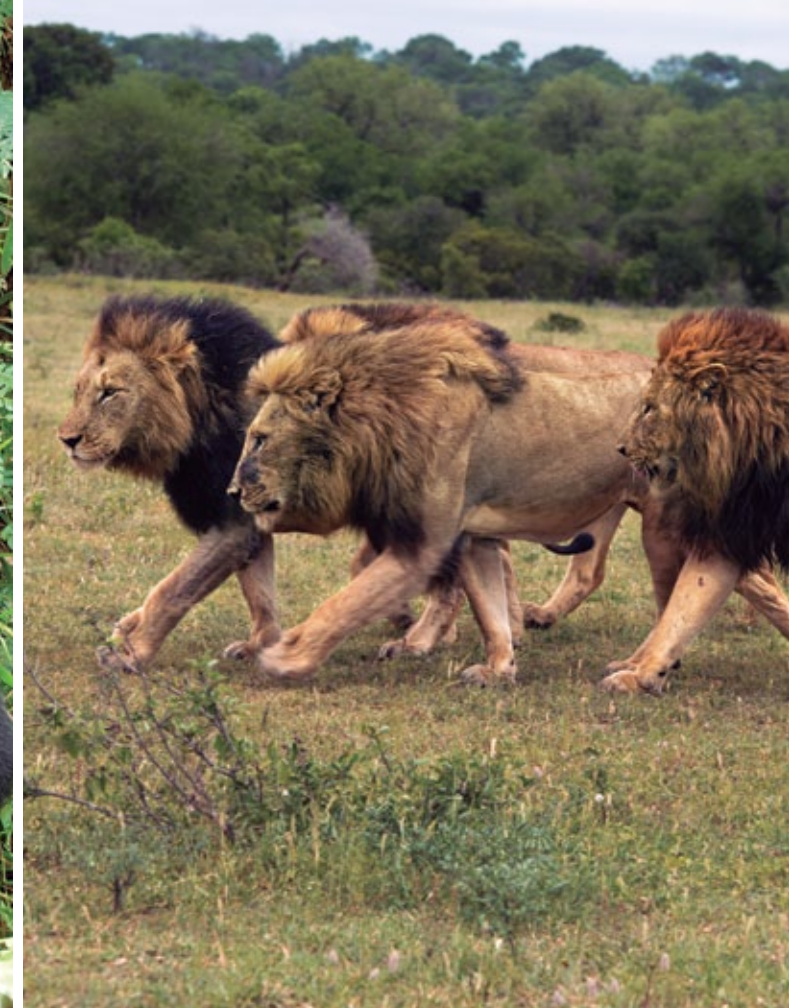
Nos últimos anos, a imagem do Brasil lá fora é a de um país que não dá a menor importância para o meio ambiente e motivos para isso não faltam. Dá para reverter esse quadro?

O Brasil vai ter de se adequar a uma nova ordem mundial. Antigamente, o símbolo do progresso era o desmatamento desenfreado, mas hoje o progresso é medido pelo verde que você preserva. Infelizmente, o Brasil não entendeu isso. E, a meu ver, uma das melhores maneiras de preservação do meio ambiente é o ecoturismo. 📍

oncafari.org



FOTOS MARIO HABERFELD E EDU FRAGOSO



Gorilas, leões e hipopótamos clicados por Mario nos parques africanos: foi de tanto rodar por esses santuários que ele resolveu fazer o mesmo por aqui para proteger a onça-pintada (ao lado)



Tempo e viagens

Fiz um pacto para depois dos meus 80 anos

POR LEILANE NEUBARTH ILUSTRAÇÃO PAULO PASTA

Viagens existem aos milhões. As reais, as de trabalho ou de lazer, outras ao mundo da imaginação, do conhecimento interior, em pensamentos e livros. E há ainda os que preferem usar substâncias para viajar sem sair do lugar.

Nos últimos anos percebi que a própria passagem do tempo, o envelhecer, é uma viagem.

Quando completei meio século, olhei a ampuheta da vida, e a areia me pareceu estar escorrendo mais rápido. Fui tomada por um sentido de urgência. Tudo bem, pretendo dobrar os 50, e a velhice não me aflige – até porque estou envelhecendo em HD e 4K na frente das pessoas na TV. Mas me peguei angustiada: até quando vou viajar? Pra onde? Como? Em que condições físicas?

Foi aí que tomei uma das decisões mais importantes da minha vida: decidi que nos 30 anos seguintes só faria as viagens que não vou poder fazer depois dos 80.

Fiz um pacto comigo mesma: viagens para museus, teatros, galerias, restaurantes, compras... tudo isso posso fazer aos 80, 90 e, se tiver que usar uma cadeira de rodas, não tem problema, pois todos, pelo menos no exterior, respeitam os mais velhos.

Decidi então que eu iria caminhar, fazer trilha, pedalar, subir montanha, encontrar cachoeiras, lagos e vulcões. Tudo que pode ficar mais complicado se, lá pelas tantas, eu perder a força física. A primeira viagem da segunda metade da minha vida foi o Caminho Sagrado de Salkantay, considerado uma das trilhas mais lindas do mundo.

A trilha dos sacerdotes incas liga Cusco a Machu

Picchu, no Peru. São 75 quilômetros, percorridos totalmente a pé, em cinco dias, passando por diferentes altitudes, climas e biomas.

A paisagem deslumbrante encanta os olhos, mas exige muito de outras partes do corpo. Caminhar em altitude é totalmente diferente, e no percurso chegamos a 4.600 metros acima do nível do mar. Em alguns momentos tudo o que eu pensava era: preciso continuar respirando, só isso! As gigantescas montanhas Humantay e Salkantay, cobertas de mistérios e neve, e os lagos glaciais preenchiam de beleza e emoção o que faltava em oxigênio no ar rarefeito. À noite, nos confortáveis lodges, as histórias do magnífico povo quéchua e dos incas, contadas pelos guias, eram o unguento que curava o corpo cansado. E eu acordava renovada e cheia de expectativas para o novo dia de caminhada.

A chegada a Machu Picchu, patrimônio mundial da Unesco, coroou o esforço com exuberância, beleza e imponência. Nesse dia tive a certeza de que tinha feito a escolha certa. É isso o que quero: desafio, superação, interação com a natureza, aprendizado. Um mundo que eu possa sentir, cheirar, tocar, provar... amar!

Depois de Salkantay fiz safáris no Quênia e na Tanzânia, Atacama, Ilha de Páscoa, pedaladas no sul da França, glaciares no Chile e Argentina, trekking no reino do Butão, e outras tantas aventuras aqui no Brasil.

O que eu desejo hoje é viver intensamente! Ainda falta tanto pra conhecer...

E aqui estou eu, cheia de disposição, pós-pandemia, já planejando a próxima viagem. ♡



Inspiradores



FOTOARENA/ALAMY

GERTRUDE BELL (1868-1926)

Ao longo de 33 anos, mais da metade dos seus 57 de vida, ela esteve sob a égide da rainha Vitória. O adjetivo vitoriano define um período casto e repressor, cabendo às moças cumprir os desígnios masculinos. A inglesa Gertrude Bell, no entanto, era culta, independente e aventureira.

Nascida em Durham, filha de um industrial do ramo siderúrgico, graduou-se com distinção em Oxford em história contemporânea. Muito cedo encantou-se pelo Oriente Médio, que percorreu inúmeras vezes – e onde descobriu importantes sítios arqueológicos. Fluente em árabe, turco,

alemão e italiano, praticou desde jovem o montanhismo. Escalou dezenas de vezes os Alpes. Em 1902, passou 48 horas debaixo de neve, chuva e ventania na tentativa frustrada de subir o monte Finsteraarhorn.

Como secretária do Serviço Britânico em Bagdá, ajudou a definir as fronteiras políticas do Iraque e da Jordânia, países surgidos do esfacelamento do Império Otomano. Diplomata, cartógrafa e espiã, foi colega de T.E. Lawrence – o Lawrence da Arábia. Criou também o Museu Arqueológico do Iraque. Foi sepultada em Bagdá. 📍



Viajar é uma das melhores coisas da vida.

Nós fazemos de tudo para que continue assim.

Descubra o conforto do nosso Boeing 777-300ER.



TALYNT BRUNCE

Qual impacto seus investimentos causam no mundo?

Quem sabe, investe no futuro.
Quem sabe, Safra.



Um segmento que valorizou mais de 700%* nos últimos anos, com previsão de crescimento ainda maior.

Com o Safra Direct Carbono, você pode alocar seus recursos diretamente no mercado de futuros de crédito de carbono.

Assim, você investe tanto no seu patrimônio quanto num futuro mais limpo para todos.



Safra

ANBIMA

Autorregulação

*Análise realizada por Safra Asset Management Ltda. com base em dados disponíveis na plataforma Bloomberg referentes ao período compreendido entre 2/1/2015 e 30/6/2021. LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. O INVESTIMENTO EM FUNDOS NÃO É GARANTIDO PELO ADMINISTRADOR, PELO GESTOR, POR QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU PELO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO - FCC. DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES. Material de divulgação do SAFRA DIRECT CARBONO USD FUNDO DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO (CNPJ 37.379.364/0001-34) e do SAFRA DIRECT CARBONO REAIS FUNDO DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO (CNPJ 35.712.313/0001-57). Administrador: Safra Serviços de Administração Fiduciária Ltda. - CNPJ 06.947.853/0001-11. Gestor: Safra Asset Management Ltda. - CNPJ 62.180.047/0001-31. Distribuidor de cotas: Banco Safra S.A. - CNPJ 58.160.789/0001-28. Supervisão e fiscalização: Comissão de Valores Mobiliários - CVM; Serviço de Atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br. Para mais informações, procure um gerente Safra ou acesse <https://www.safra.com.br/investimentos/fundos-de-investimentos/safra-direct-carbono-reais-fi.htm> ou <https://www.safra.com.br/investimentos/fundos-de-investimentos/safra-direct-carbono-usd-fi-mu.htm>. Central de Atendimento Safra: 0300-105-1234 (de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h, exceto feriados). Atendimento a pessoas com necessidades especiais auditivas e de fala: SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor/Proteção de Dados: 0800-772-5755 (atendimento 24 horas por dia, sete dias por semana). Ouvidoria - caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800-770-1236; atendimento a pessoas com necessidades especiais auditivas e de fala: 0800-727-7555 (de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados); ou acesse www.safra.com.br/atendimento/ouvidoria. E-mail: safra.asset@safra.com.br